

# TEORIAS DA PERSONALIDADE

**JAMES FADIMAN**

*Universidade de Stanford*

**ROBERT FRAGER**

*Instituto de Psicologia Transpessoal da Califórnia*

índices para catálogo sistemático:

1. Personalidade : Teorias : Psicologia individual 155.2 (17. e 18.)

*Coordenação da Tradução* **ODETTE  
DE GODOY PINHEIRO**

*Tradução*

**CAMILA PEDRAL SAMPAIO  
SYBIL SAFDIÉ**

*Faculdade de Psicologia da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo*

2. Psicoterapia : Medicina 616.891 (17.) 616.8914(18.)



Fadiman, James, 1939-  
F132t Teorias da personalidade / James Fadiman, Robert Frager ; coordenação da tradução  
Odette de Godoy Pinheiro ; tradução de Camila Pedral Sampaio, Sybil Safdié. - São Paulo:  
HARBRA, 1986.

Bibliografia.

1, Personalidade 2. Psicoterapia I. Frager. Robert, 1940- II. Título.

17. e 18. CDD-155.2

17. -616.891

18. -616.8914

79-0514

# CAPÍTULO 1

## SIGMUND FREUD EA PSICANÁLISE



TEORIAS DA PERSONALIDADE

O trabalho de Sigmund Freud, nascido das disciplinas especializadas de Neurologia e Psiquiatria, propõe uma concepção de personalidade que surtiu efeitos importantes na cultura ocidental. Sua visão da condição humana, atacando violentamente as opiniões prevalecentes de sua época, oferece um modo complexo e atraente de perceber o desenvolvimento normal e anormal.

Freud explorou áreas da psique que eram discretamente obscurecidas pela moral e filosofia vitorianas. Descobriu novas abordagens para o tratamento da doença mental. Seu trabalho contestou tabus culturais, religiosos, sociais e científicos. Seus escritos, sua personalidade e sua determinação em ampliar os limites de seu trabalho fizeram dele o centro de um círculo de amigos e críticos em constante mudança. Freud sempre repensava em e revia suas ideias anteriores. O curioso é que seus mais ardorosos críticos estavam entre aqueles que supervisionara pessoalmente em várias fases de seu trabalho.

Não é possível descrever todas as contribuições de Freud num único capítulo. O que se segue é uma simplificação deliberada de um sistema complexo, intrincadamente conectado e inacabado. É uma visão geral, planejada para servir como um corpo de ideias que tornarão outras exposições do pensamento de Freud mais inteligíveis, e que permitirá uma melhor compreensão de outros teóricos cujo trabalho foi fortemente influenciado por Freud. Não estamos interessados em oferecer quer uma prova quer uma refutação das teorias de Freud; entendê-lo é de importância primordial.

### HISTÓRIA PESSOAL

Sigmund Freud nasceu no dia 6 de maio de 1856, na pequena cidade de Freiberg, na Moravia (hoje Tchecoslováquia). Quando tinha 4 anos, sua família sofreu contratempos financeiros e mudou-se para Viena. Continuou a residir em Viena até 1938, quando emigrou para a Inglaterra. Morreu em 1939.

Durante sua infância, foi um excelente aluno. Apesar da limitada posição financeira de sua família, o que obrigou os seus oito membros a viverem num apartamento apertado, Freud, o primogênito, tinha seu próprio quarto e até mesmo uma lâmpada de óleo para estudar. O resto da família arranhou-se com velas. No ginásio continuou seu excelente desempenho acadêmico. "Fui o primeiro de minha turma durante 7 anos e desfrutava ali de privilégios especiais, e quase nunca tive de ser examinado em aula" (1925, livro 25, p. 16 na ed. bras.).

Visto ser judeu, todas as carreiras profissionais fora a Medicina e o Direito foram-lhe vedadas — tal era o clima anti-semita prevalecente na época. Influenciado pelos trabalhos de Darwin e Goethe, ele decidiu entrar na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena em 1873.

Suas experiências na Universidade de Viena, onde foi tratado como "inferior e estranho" por ser judeu, fortaleceram sua capacidade de suportar críticas. "Numa idade prematura familiarizei-me com o destino de estar na oposição e de ser posto sob o anátema da 'maioria compacta'. Estavam assim lançados os fundamentos para um certo grau de independência de julgamento" (1935, livro 25, p. 17 na ed. bras.). Permaneceu como estudante de Medicina durante oito anos, três a mais do que o habitual. No decorrer desses anos, trabalhou no laboratório fisiológico do Dr. Ernst Brücke. Um pouco da crença de Freud nas origens biológicas da consciência pode ser devida às próprias posições de Brücke, que uma vez jurou fidelidade à seguinte proposição:

Não há outras forças além das físicas e químicas comuns que sejam ativas no organismo. Nos casos que de momento não podem ser explicados por essas forças, devemos procurar descobrir a forma específica de sua ação por meio do método físico-matemático, ou então pressupor novas forças iguais em dignidade às forças físico-químicas inerentes à matéria, reduzíveis à força de atração e repulsão (em Rycroft, 1972, p. 21 na ed. oras.).

Freud fez pesquisas independentes sobre histologia e publicou artigos sobre anatomia e neurologia. Aos 26 anos, recebeu seu diploma de médico. Continuou seu trabalho com Brücke por mais um ano e morou com sua família. Aspirava preencher a vaga seguinte no laboratório, mas Brücke tinha dois excelentes assistentes à frente de Freud. "O momento decisivo ocorreu em 1882 quando meu professor, por quem sentia a mais alta estima, corrigiu a imprevidência generosa de meu pai aconselhando-me vivamente, em vista de minha precária situação financeira, a abandonar minha carreira teórica" (1935, livro 25, p. 18 na ed. bras.). Além do mais, Freud tinha se apaixonado e percebeu que, casando-se, precisaria de um cargo melhor remunerado.

Apesar de se dirigir relutantemente para a clínica particular, seus interesses principais permaneciam na área da observação e exploração científicas. Trabalhando primeiro como cirurgião, depois em clínica geral, tornou-se médico interno do principal hospital de Viena. Fez um curso de Psiquiatria, o que aumentou seu interesse pelas relações entre sintomas mentais e distúrbios físicos. Em 1885, tinha se estabelecido na posição prestigiosa de conferencista da Universidade de Viena. Sua carreira começava a parecer promissora.

De 1884 a 1887, Freud fez algumas das primeiras pesquisas com cocaína. De início, ficou impressionado com suas propriedades: "Eu mesmo experimentei uma dúzia de vezes o efeito da coca, que impede a fome, o sono e o cansaço e robustece o esforço intelectual" (1963). Ele escreveu a respeito de seus possíveis usos para os distúrbios tanto físicos como mentais. Por pouco tempo um defensor, tomou-se depois apreensivo em relação às suas propriedades viciantes e interrompeu a pesquisa.

Com o apoio de Brücke, Freud obteve uma bolsa e foi para Paris trabalhar com Charcot. Este demonstrou que era possível induzir ou aliviar sintomas histéricos com sugestão hipnótica. Freud percebeu que, na histeria, os pacientes exibem sintomas que são anatomicamente inviáveis. Por exemplo, na "anestesia de luva" uma pessoa não terá nenhuma sensibilidade na mão, mas terá sensações normais no pulso e no braço. Uma vez que os nervos têm um percurso contínuo do ombro até a mão, não pode haver nenhuma causa física para este sintoma. Tomou-se claro para Freud que a histeria era uma doença psíquica cuja gênese requeria uma explicação psicológica. Charcot percebeu Freud como um estudante capaz e inteligente e deu-lhe permissão para traduzir seus escritos para o alemão quando Freud voltou a Viena.

O trabalho na França aumentou seu interesse pela hipnose como instrumento terapêutico. Com a cooperação do célebre e experimentado médico Breuer, Freud explorou a dinâmica da histeria (1895). Suas descobertas foram resumidas por Freud: "Os sintomas de pacientes histéricos baseiam-se em cenas do seu passado que lhes causaram grande impressão mas foram esquecidas (traumas); a terapêutica, nisto apoiada, consistia em fazê-los lembrar e reproduzir essas experiências num estado de hipnose (catarse)" (1914, livro 6, p. 17 na ed. bras.). Ele achou, no entanto, que a hipnose não era tão efetiva quanto esperava. Afinal abandonou-a por completo passando a encorajar seus

pacientes a falarem livremente e a relatarem o que quei que pensassem independentemente da aparente relação — ou falta de relação - com seus sintomas.

Em 1896, Freud usou pela primeira vez o termo "psicanálise" para descrever seus métodos. Sua auto-análise começou em 1897. Em 1900, ele publicou *A Interpretação de Sonhos*, considerada por muitos como seu mais importante trabalho, apesar de, na época, não ter recebido quase nenhuma atenção. Seguiu-se, no ano seguinte, outro livro importante, *Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Gradualmente, formou-se à volta de Freud um círculo de médicos interessados, incluindo Alfred Adler, Sandor Ferenczi, Carl Jung, Otto Rank, Kari Abraham e Ernest Jones. O grupo fundou uma sociedade. Documentos foram escritos, uma revista foi publicada e o movimento psicanalítico começou a expandir-se.

Em 1910, Freud foi convidado para ir à América pronunciar conferências na Universidade de Clark. Seus trabalhos estavam sendo traduzidos para o inglês. As pessoas foram se interessando pelas teorias do Dr. Sigmund Freud.

Freud passou sua vida desenvolvendo, ampliando e elucidando a psicanálise. Tentou controlar o movimento psicanalítico, expulsando os membros que discordavam de suas opiniões e exigindo um grau incomum de lealdade à sua própria posição. Jung, Adler e Rank, entre outros, abandonaram o grupo após repetidas divergências com Freud a respeito de problemas teóricos. Mais tarde, cada um fundou sua própria escola de pensamento.

Freud escreveu extensivamente. Suas obras completas compõem-se de 24 volumes e incluem ensaios relativos aos aspectos delicados da prática clínica, uma série de conferências que delineiam toda a teoria e monografias especializadas sobre questões religiosas e culturais. Tentou construir uma estrutura que sobrevivesse a ele, e que eventualmente pudesse reorientar toda a psiquiatria para sua posição. Ele era constrangedor e tirânico. Temia que os analistas que se desviavam dos procedimentos estabelecidos por ele pudessem diluir o poder e as possibilidades da psicanálise. Queria, sobretudo, impedir a distorção e o uso incorreto da teoria psicanalítica. Quando, por exemplo, em 1931, Ferenczi mudou seus procedimentos de súbito e fez da situação analítica uma situação na qual o sentimento podia ser expresso de uma forma mais livre, Freud lhe escreveu o seguinte:

Percebo que as divergências entre nós atingem seu ponto culminante a partir de um detalhe técnico que vale a pena ser examinado. Você não faz segredo do fato de que beija seus pacientes e permite que eles também o beijem. . . . Muito bem, no momento em que você decide oferecer um relato pleno de sua técnica e de seus resultados, você terá de escolher entre esses dois caminhos: ou você relata o fato ou você o esconde. Esta última hipótese, como você bem pode ver, é uma atitude desonrosa. . . .

Agora, certamente não pertencço àquela categoria daqueles que, por pudores hipócritas ou por considerações de convencionalismos burgueses, condenam pequenas satisfações eróticas dessa espécie. Estou perfeitamente a par de que, ao tempo dos Nibelungs, um beijo era uma inocente saudação que se oferecia a qualquer espécie de hóspede ou convidado. Sou, mais ainda, de opinião que a análise é possível até na União Soviética onde, até o limite da competência do Estado, há ampla liberdade sexual. Mas isso não altera os fatos de que não estamos vivendo na Rússia e que, entre nós, o beijo significa certa intimidade erótica. Até o momento sustentamos, dentro da nossa técnica, a conclusão de que os pacientes não devem ter satisfações eróticas. . . .

Agora, imagine qual será o resultado do conhecimento público de sua técnica. Não existe nenhum revolucionário que não seja superado por outro mais radical

ainda. Certo número de franco-atiradores, em questão de técnica, dirão a si mesmos: por que parar em um só beijo? Certamente vai-se mais adiante se se adota a "bolina" que, afinal de contas, não chega a produzir uma criança. E aí outros mais audaciosos se apresentarão e irão mais adiante, a olhar e mostrar - e dentro em pouco teremos aceito na técnica da análise o repertório completo do semivirgi-nismo e dos pais que se acariciam, o que provocaria um enorme aumento de interesse na Psicanálise, tanto entre os analistas quanto entre os pacientes. O novo adepto, no entanto, há de reclamar para si a maior parte desse interesse, o mais moço de nossos colegas achará difícil estacar no ponto que tencionava, e Deus, o pai Ferenczi, ficaria a contemplar esse quadro animado que criou e talvez dissesse para si mesmo: talvez, ao cabo de contas, devesse eu ter parado, na minha técnica de carinho maternal, *antes* do beijo (citado em Jones, 1955, p. 719 na ed. bras.).

A medida que o trabalho de Freud tomava-se de modo geral mais acessível, as críticas aumentavam. Em 1933, os nazistas queimaram uma pilha de livros de Freud em Berlim. Ele comentou o fato: "É um progresso o que está se passando. Na Idade Média, eles teriam jogado a mim na fogueira, hoje em dia contentam-se em queimar os meus livros" (Jones, 1957, p. 732 na ed. bras.). Quando os alemães ocuparam a Áustria, em 1938, foi permitido a Freud ir para Londres. Ele morreu um ano depois.

Os últimos anos de Freud foram difíceis. De 1923 em diante, ele esteve mal de saúde, sofrendo de câncer na boca e mandíbula. Tinha dores contínuas e sofreu trinta e três operações para deter a doença que se expandia.

Sempre envolvido em debates a respeito da validade ou utilidade de seu trabalho, ele continuou a escrever. Seu último livro, *Esboço de Psicanálise* (1940, livro 7 na ed. bras.), começa com um áspero aviso aos críticos: "Os ensinamentos da Psicanálise baseiam-se em um número incalculável de observações e experiências, e somente alguém que tenha repetido estas observações em si próprio e em outras pessoas acha-se em posição de chegar a um julgamento próprio sobre ela" (1940, livro 7, p. 16 na ed. bras.).

O sucesso de Freud pode ser julgado não só pelo interesse e debate contínuos sobre aspectos da teoria psicanalítica, mas principalmente por suas ideias que se tomaram parte da herança comum da cultura ocidental. Todos nós devemos a Freud a revelação do mundo que repousa sob a nossa consciência.

#### CONCEITOS PRINCIPAIS\*

Uma noite da semana passada, enquanto trabalhava com afinco, atormentado com exatamente a quantidade de dor que parece ser o melhor estado para fazer meu cérebro funcionar, as barreiras levantaram-se de súbito, o véu afastou-se e eu tive uma visão clara desde os detalhes das neuroses até as condições que tornam possível a consciência. Tudo parecia ligar-se, o todo funcionava bem em conjunto, e ter-se-ia a impressão de que a coisa era de fato uma máquina e logo andaria por si só ... tudo isto estava perfeitamente claro e ainda está. Eu, é natural, não sei como conter meu prazer (Freud, carta a Fliess, 20 de outubro, 1895).

Subjacente a todo o pensamento de Freud está o pressuposto de que o corpo é a fonte básica de toda experiência mental. Ele esperava o tempo em que todos os fenômenos mentais pudessem ser explicados com referência direta à fisiologia do cérebro.

\* N. T.: Paia efeito de homogeneização de vocabulário, preferimos adotar nesta tradução a terminologia da Edição STANDARD Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud em relação aos principais conceitos.

Freud sentia que seu próprio trabalho era frequentemente apenas descritivo e que seria superado por pesquisas aperfeiçoadas em neurologia.

#### Determinismo Psíquico

Freud inicia seu pensamento teórico assumindo que não há nenhuma descontinuidade na vida mental. Ele afirmou que *nada* ocorre ao acaso e muito menos os processos mentais. Há uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, sentimento ou ação. Cada evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam. Uma vez que alguns eventos mentais "parecem" ocorrer espontaneamente, Freud começou a procurar e descrever os elos ocultos que ligavam um evento consciente a outro.

#### Consciente, Pré-consciente, Inconsciente

"O ponto de partida dessa investigação é um fato sem paralelo, que desafia toda explicação ou descrição — o fato da consciência. Não obstante, quando se fala de consciência, sabemos imediatamente e pela experiência mais pessoal o que se quer dizer com isso" (1940, livro 7, p. 30 na ed. bras.). O consciente é somente uma pequena parte da mente, inclui tudo do que estamos cientes num dado momento. Embora Freud estivesse interessado nos mecanismos da consciência, seu interesse era muito maior com relação às áreas da consciência menos expostas e exploradas, que ele denominava *pré-cons-ciente* e *inconsciente*.

**Inconsciente.** A premissa inicial de Freud era de que há conexões entre todos os eventos mentais. Quando um pensamento ou sentimento parece não estar relacionado aos pensamentos e sentimentos que o precedem, as conexões estão no inconsciente. Uma vez que estes elos inconscientes são descobertos, a aparente descontinuidade está resolvida. "Denominamos um processo psíquico inconsciente, cuja existência somos obrigados a supor - devido a um motivo tal que inferimos a partir de seus efeitos - mas do qual nada sabemos" (1933, livro 28, p. 90 na ed. bras.).

No inconsciente estão elementos instintivos, que nunca foram conscientes e que não são acessíveis à consciência. Além disso, há material que foi excluído da consciência, censurado e reprimido. Este material não é esquecido ou perdido, mas não lhe é permitido ser lembrado. O pensamento ou a memória ainda afetam a consciência, mas apenas indiretamente.

Há uma vivacidade e imediatismo no material inconsciente. Memórias muito antigas quando liberadas à consciência, não perderam nada de sua força emocional. "Aprendemos pela experiência que os processos mentais inconscientes são em si mesmos 'intemporais'. Isto significa em primeiro lugar que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera, e que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada" (1920, livro 13, pp. 4M2 na ed. bras.).

A maior parte da consciência é inconsciente. Ali estão os principais determinantes da personalidade, as fontes da energia psíquica, e pulsões ou instintos.

**Pré-consciente.** Estritamente falando, o pré-consciente é uma parte do inconsciente, mas uma parte que pode tornar-se consciente com facilidade. As

porções da memória que são acessíveis fazem parte do pré-consciente. Estas podem incluir lembranças de tudo o que você fez ontem, seu segundo nome, todas as ruas nas quais você morou, a data da conquista da Normandia, seus alimentos prediletos, o cheiro de folhas de outono queimando, o bolo de aniversário de formato estranho que você teve quando fez dez anos, e uma grande quantidade de outras experiências passadas. O pré-consciente é como uma vasta área de posse das lembranças de que a consciência precisa para desempenhar suas funções.

### **Pulsoes ou Instintos\***

Instintos são pressões que dirigem um organismo para fins particulares. Quando Freud usa o termo, ele não se refere aos complexos padrões de comportamento herdados dos animais inferiores, mas seus equivalentes nas pessoas. Tais instintos são "a suprema causa de toda atividade" (1940, livro 7, p. 21 na ed. bras.). Freud em geral se referia aos aspectos físicos dos instintos como necessidades; seus aspectos mentais podem ser comumente denominados desejos. Os instintos são as forças propulsoras que incitam as pessoas à ação.

Todo instinto tem quatro componentes: uma *fonte*, uma *finalidade*, uma *pressão* e um *objeto*. A *fonte*, quando emerge a necessidade, pode ser uma parte do corpo ou todo ele. A *finalidade* é reduzir a necessidade até que mais nenhuma ação seja necessária, é dar ao organismo a satisfação que ele no momento deseja. A *pressão* é a quantidade de energia ou força que é usada para satisfazer ou gratificar o instinto; ela é determinada pela intensidade ou urgência da necessidade subjacente. O *objeto* de um instinto é qualquer coisa, ação ou expressão que permite a satisfação da finalidade original.

Consideremos o modo como esses componentes aparecem numa pessoa com sede. O corpo desidrata-se até o ponto em que precisa de mais líquido; a fonte é a necessidade crescente de líquidos. À medida que a necessidade torna-se maior, pode tornar-se consciente como "sede". Enquanto esta sede não for satisfeita, torna-se mais pronunciada; ao mesmo tempo em que aumenta a intensidade, também aumenta a pressão ou energia disponível para fazer algo no sentido de aliviar a sede. A finalidade é reduzir a tensão. O objeto não é simplesmente um líquido: leite, água ou cerveja, mas todo ato que busca reduzir a tensão. Isto pode incluir levantar-se, ir a um bar, escolher entre várias bebidas, preparar uma delas e bebê-la.

Enquanto as reações iniciais de busca podem ser instintivas, o ponto crítico a ser lembrado é que há a possibilidade de satisfazer o instinto plena ou parcialmente de várias maneiras. A capacidade de satisfazer necessidades nos animais é via de regra limitada por um padrão de comportamento estereotipado.

\* N. T.: No *Vocabulário de Psicanálise* (1975) há uma distinção entre os termos pulsão e instinto. Pulsão (em alemão *trieb*, em inglês *drive* ou *instinct*) refere-se ao "processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo" (LaPlanche e Pontalis, 1975). Instinto (em alemão *instinkt*, em inglês *instinct*) seria um "esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco suscetível de alterações, e que parece corresponder a uma finalidade" op. cit.

Esta distinção não foi feita por Fadiman & Frager mas, para efeito de tradução, resolvemos respeitar a terminologia dos autores, traduzindo os termos *instinct* por *instinto* e *drive* por *pulsão*.

pado. Os instintos humanos apenas iniciam a necessidade da ação; eles nem predeterminam a ação particular, nem a forma como ela se completará. O número de soluções possíveis para um indivíduo é uma soma de sua necessidade biológica inicial, o "desejo" mental (que pode ou não ser consciente) e uma grande quantidade de ideias anteriores, hábitos e opções disponíveis.

Freud assume que o modelo mental e comportamental normal e saudável tem a finalidade de reduzir a tensão a níveis previamente aceitáveis. Uma pessoa com uma necessidade continuará buscando atividades que possam reduzir esta tensão original. O ciclo completo de comportamento que parte do repouso para a tensão e a atividade, e volta para o repouso, é denominado modelo de *tensão-redução*. As tensões são resolvidas pela volta do corpo ao nível de equilíbrio que existia antes da necessidade emergir.

Ao examinar um comportamento, um sonho, ou um evento mental, uma pessoa pode procurar as pulsões psicofísicas subjacentes que são satisfeitas por essa atividade. Se observarmos pessoas comendo, supomos que elas estão satisfazendo sua fome; se estão chorando, é provável que algo as perturbou. O trabalho analítico envolve a procura das causas dos pensamentos e comportamentos, de modo que se possa lidar de forma mais adequada com uma necessidade que está sendo imperfeitamente satisfeita por um pensamento ou comportamento particular.

No entanto, vários pensamentos e comportamentos parecem não reduzir a tensão; de fato, eles aparecem para criar tensão, pressão ou ansiedade. Estes comportamentos podem indicar que a expressão direta de um instinto foi bloqueada. Embora seja possível catalogar uma série ampla de "instintos", Freud tentou reduzir esta diversidade a alguns básicos.

**Instintos Básicos.** Freud desenvolveu duas descrições dos instintos básicos. O primeiro modelo descrevia duas forças opostas, a sexual (ou, de modo geral, a erótica, fisicamente gratificante) e a agressiva ou destrutiva. Suas últimas descrições, mais globais, encararam essas forças ou como mantenedoras da vida ou como incitadoras da morte (ou destruição). Ambas as formulações pressupõem dois conflitos instintivos básicos, biológicos, contínuos e não-resolvidos. Este antagonismo básico não é necessariamente visível na vida mental pois a maioria de nossos pensamentos e ações é evocada não por apenas uma destas forças instintivas, mas por ambas em combinação.

Freud impressionou-se com a diversidade e complexidade do comportamento que emerge da fusão das pulsões básicas. Por exemplo, ele escreve:

"Os instintos sexuais fazem-se notar por sua plasticidade, sua capacidade de alterar suas finalidades, sua capacidade de se substituírem, que permite uma satisfação instintual ser substituída por outra, e por sua possibilidade de se submeterem a adiamentos..." (1933, livro 28, p. 122 na ed. bras.). Os instintos são canais através dos quais a energia pode fluir. Esta energia obedece às suas próprias leis.

**Libido e Energia Agressiva.** Cada um destes instintos gerais tem uma fonte de energia em separado. Libido (da palavra latina para "desejo" ou "anseio") é a energia aproveitável para os instintos de vida. O uso do termo por Freud é às vezes confuso, uma vez que o descreve como quantidade mensurável. "Sua produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento

devem propiciar-nos possibilidades de explicar os fenômenos psicosssexuais observados" (1905a, livro 2, p. 113 na ed. bras.).

Outra característica importante da libido é sua "mobilidade", a facilidade com que pode passar de uma área de atenção para outra. Freud descreveu a natureza passageira da receptividade emocional como um fluxo de energia, fluindo para dentro e para fora das áreas de interesse imediato.

A energia do instinto de agressão ou de morte não tem um nome especial. Ela supostamente apresenta as mesmas propriedades gerais que a libido, embora Freud não tenha elucidado este aspecto.

**Catexia.** Catexia é o processo pelo qual a energia libidinal disponível na psique é vinculada a ou investida na representação mental de uma pessoa, ideia ou coisa. A libido que foi catexizada perde sua mobilidade original e não pode mais mover-se em direção a novos objetos. Está enraizada em qualquer parte da psique que a atraiu e segurou.

A palavra original alemã, *besetzung*, significa ocupar e investir; se você imaginar seu depósito de libido como uma dada quantidade de dinheiro, cate-xia é o processo de investi-la. Uma vez que uma porção foi investida ou catexizada, permanece aí, deixando você com essa porção a menos para investir em outro lugar.

Estudos psicanalíticos sobre luto, por exemplo, interpretam o desinteresse das ocupações normais e a preocupação com o recente finado como uma retirada de libido dos relacionamentos habituais e uma "extrema" ou "hiper" catexia da pessoa perdida.

A teoria psicanalítica está interessada em compreender onde a libido foi catexizada inadequadamente. Uma vez liberada ou redirecionada, esta mesma energia está então disponível para--satisfazer outras necessidades habituais. A necessidade de liberar energias presas também se encontra nos trabalhos de Rogers e Maslow, assim como no Budismo e Sufismo. Cada uma dessas teorias chega a diferentes conclusões a respeito da fonte da energia psíquica, mas todos concordam com a alegação freudiana de que a identificação e a canalização da energia psíquica são uma questão importante na compreensão da personalidade.

### Estrutura da Personalidade

As observações de Freud a respeito de seus pacientes revelaram uma série interminável de conflitos e acordos psíquicos. A um instinto opunha-se outro; proibições sociais bloqueavam pulsões biológicas e os modos de enfrentar situações frequentemente chocavam-se uns com os outros. Ele tentou ordenar este caos aparente propondo três componentes básicos estruturais da psique: o id, o ego e o superego.

**O Id.** O Id "contém tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento, que está presente na constituição—acima de tudo, portanto, os instintos que se originam da organização somática e que aqui (no id) encontram uma primeira expressão psíquica, sob formas que nos são desconhecidas" (1940, livro 7, pp. 17-18 na ed. bras.). É a estrutura da personalidade original, básica e mais central, exposta tanto às exigências somáticas do corpo como aos efeitos do ego e do superego. Embora as outras partes da estrutura se desenvolvam a partir do id, ele próprio é amorfo, caótico e desorganizado. "As

leis lógicas do pensamento não se aplicam ao id. . . . Impulsos contrários existem lado a lado, sem que um anule o outro, ou sem que um diminua o outro" (1933, livro 28, p. 94 na ed. bras.). O id é o reservatório de energia de toda a personalidade.

O id pode ser associado a um rei cego cujo poder e autoridade são totais e cerceadores, mas que depende de outros para distribuir e usar de modo adequado o seu poder.

Os conteúdos do id são quase todos inconscientes, eles incluem configurações mentais que nunca se tomaram conscientes, assim como o material que foi considerado inaceitável pela consciência. Um pensamento ou uma lembrança, excluído da consciência e localizado nas sombras do id, é mesmo assim capaz de influenciar a vida mental de uma pessoa. Freud acentuou o fato de que materiais esquecidos conservam o poder de agir com a mesma intensidade mas sem controle consciente.

**O Ego.** O ego é a parte do aparelho psíquico que está em contato com a realidade externa. Desenvolve-se a partir do id, à medida que o bebê toma-se cômico de sua própria identidade, para atender e aplacar as constantes exigências do id. Como a casca de uma árvore, ele protege o id mas extrai dele a energia, a fim de realizar isto. Tem a tarefa de garantir a saúde, segurança e sanidade da personalidade. Freud descreve suas várias funções em relação com o mundo externo e com o mundo interno, cujas necessidades procura satisfa-

São estas as principais características do ego: em consequência da conexão preestabelecida entre a percepção sensorial e a ação muscular, o ego tem sob seu comando o movimento voluntário. Ele tem a tarefa de autopreservação. Com referência aos acontecimentos *externos* desempenha essa missão dando-se conta dos estímulos externos, armazenando experiências sobre eles (na memória), evitando estímulos excessivamente internos (mediante a fuga), lidando com estímulos moderados (através da adaptação) e, finalmente, aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade). Com referência aos acontecimentos *internos*, em relação ao id, ele desempenha essa missão obtendo controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo inteiramente as suas excitações. É dirigido, em sua atividade, pela consideração das tensões produzidas pelos estímulos; despejam estas tensões nele presentes ou são nele introduzidas. A elevação dessas tensões é, em geral, sentida como *desprazer* e o seu abaixamento como *prazer* .... O ego se esforça pelo prazer e busca evitar o desprazer (1940, livro 7, pp. 18-19 na ed. bras.).

Assim, o ego é originalmente criado pelo id na tentativa de enfrentar a necessidade de reduzir a tensão e aumentar o prazer. Contudo, para fazer isto, o ego, por sua vez, tem de controlar ou regular os impulsos do id de modo que o indivíduo possa buscar soluções menos imediatas e mais realistas.

Um exemplo pode ser o de um encontro heterossexual. O id sente uma tensão que surge da excitação sexual insatisfeita e poderia reduzir esta tensão através da atividade sexual direta e imediata. O ego tem que determinar quanto da expressão sexual é possível e como criar situações em que o contato sexual seja o mais satisfatório possível. O id é sensível à necessidade, enquanto que o ego responde às oportunidades.

## TEORIAS DA PERSONALIDADE

**O Superego.** Esta última parte da estrutura se desenvolve não a partir do id, mas a partir do ego. Atua como um juiz ou censor sobre as atividades e pensamentos do ego. É o depósito dos códigos morais, modelos de conduta e dos construtos que constituem as inibições da personalidade. Freud descreve três funções do superego: consciência, auto-observação e formação de ideais. Enquanto consciência, o superego age tanto para restringir, proibir ou julgar a atividade consciente; mas também age inconscientemente. As restrições inconscientes são indiretas, aparecendo como compulsões ou proibições. "Aquele que sofre (de compulsões e proibições) comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe" (1907, livro 31, p. 17 na ed. bras.).

A tarefa de auto-observação surge da capacidade do superego de avaliar atividades independentemente das pulsões do id para tensão-redução e independentemente do ego, que também está envolvido na satisfação das necessidades. A formação de ideais está ligada ao desenvolvimento do próprio superego. Ele não é, como se supõe às vezes, uma identificação com um dos pais ou mesmo com seus comportamentos: "O superego de uma criança é com efeito construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos e toma-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração" (1933, livro 28, p. 87 na ed. bras.).

**Relações entre os Três Subsistemas.** A meta fundamental da psique é manter—e recuperar, quando perdido—um nível aceitável de equilíbrio dinâmico que maximiza o prazer e minimiza o desprazer. A energia que é usada para acionar o sistema nasce no id, que é de natureza primitiva, instintiva. O ego, emergindo do id, existe para lidar realisticamente com as pulsões básicas do id e também age como mediador entre as forças que operam no id e no superego e as exigências da realidade externa. O superego, emergindo do ego, atua como um freio moral ou força contrária aos interesses práticos do ego. Ele fixa uma série de normas que definem e limitam a flexibilidade deste último.

O id é inteiramente inconsciente, o ego e o superego o são em parte. "Grande parte do ego e do superego pode permanecer inconsciente e é normalmente inconsciente. Isto é, a pessoa nada sabe dos conteúdos dos mesmos e é necessário despender esforços para torná-los conscientes" (1933, livro 28, p. 89 na ed. bras.).

Nesses termos, o propósito prático da psicanálise "é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id" (1933, livro 28, p. 102 na ed. bras.).

### Fases Psicosssexuais do Desenvolvimento

À medida que um bebê se transforma numa criança, uma criança em adolescente e um adolescente em adulto, ocorrem mudanças marcantes no que é desejado e em como estes desejos são satisfeitos. As modificações nas formas de gratificação e as áreas físicas de gratificação são os elementos básicos na descrição de Freud das fases de desenvolvimento. Freud usa o termo *fixação* para descrever o que ocorre quando uma pessoa não progride normal-

## SIGMUND FREUD E A PSICANÁLISE

mente de uma fase para outra, mas permanece muito envolvida numa fase particular. Uma pessoa fixada numa determinada fase preferirá satisfazer suas necessidades de forma mais simples ou infantil, ao invés dos modos mais adultos que resultariam de um desenvolvimento normal.

**Fase Oral.** Desde o nascimento, necessidade e gratificação estão ambas concentradas predominantemente em volta dos lábios, língua e, um pouco mais tarde, dos dentes. A pulsão básica do bebê não é social ou interpessoal, é apenas receber alimento para atenuar as tensões de fome e sede. Enquanto é alimentada, a criança é também confortada, aninhada, acalentada e acariciada. No início, ela associa prazer e redução da tensão ao processo de alimentação.

A boca é a primeira área do corpo que o bebê pode controlar; a maior parte da energia libidinal disponível é direcionada ou focalizada nesta área. Conforme a criança cresce, outras áreas do corpo desenvolvem-se e tornam-se importantes regiões de gratificação. Entretanto, alguma energia é permanentemente fixada ou catexizada nos meios de gratificação oral. Em adultos, existem muitos hábitos orais bem desenvolvidos e um interesse contínuo em manter prazeres orais. Comer, chupar, mascar, fumar, morder e lambe ou beijar com estalo, são expressões físicas destes interesses. Pessoas que mordicam constantemente, fumantes e os que costumam comer demais podem ser pessoas parcialmente fixadas na fase oral, pessoas cuja maturação psicológica pode não ter se completado.

A fase oral tardia, depois do aparecimento dos dentes, inclui a gratificação de instintos agressivos. Morder o seio, que causa dor à mãe e leva a um retraimento do seio, é um exemplo deste tipo de comportamento. O sarcasmo do adulto, o arrancar o alimento de alguém, a fofoca, têm sido descritos como relacionados a esta fase do desenvolvimento.

A retenção de algum interesse em prazeres orais é normal. Este interesse só pode ser encarado como patológico se for o modo dominante de gratificação, isto é, se uma pessoa for excessivamente dependente de hábitos orais para aliviar a ansiedade.

**Fase Anal.** À medida que a criança cresce, novas áreas de tensão e gratificação são trazidas à consciência. Entre dois e quatro anos, as crianças geralmente aprendem a controlar os esfíncteres anais e a bexiga. A criança presta uma atenção especial à micção e à evacuação. O treinamento da toalete desperta um interesse natural pela autodescoberta. A obtenção do controle fisiológico é ligada à percepção de que esse controle é uma nova fonte de prazer. Além disso, as crianças aprendem com rapidez que o crescente nível de controle lhes traz atenção e elogios por parte de seus pais. O inverso também é verdadeiro; o interesse dos pais no treinamento da higiene permite à criança exigir atenção tanto pelo controle bem sucedido quanto pelos "erros".

Características adultas que estão associadas à fixação parcial na fase anal são: ordem, parcimônia e obstinação. Freud observou que esses três traços em geral são encontrados juntos. Ele fala do "caráter anal" cujo comportamento está intimamente ligado a experiências sofridas durante esta época da infância.

Parte da confusão que pode acompanhar a fase anal é a aparente contradição entre o pródigo elogio e o reconhecimento, por um lado e, por ou-

tro, a ideia de que ir ao banheiro é "sujo" e deveria ser guardado em segredo. A criança não consegue compreender inicialmente que suas fezes e urina não sejam apreciadas. As crianças pequenas gostam de observar suas fezes na privada, na hora de dar a descarga, e com frequência acenam e dizem-lhes adeus. Não é raro uma criança oferecer como presente a seu pai ou mãe parte de suas fezes. Tendo sido elogiada por produzi-las, a criança pode surpreender-se ou confundir-se no caso de seus pais reagirem ao presente com repugnância. Nenhuma área da vida contemporânea é tão carregada de proibições e tabus como a área que lida com o treinamento da higiene e comportamentos típicos da fase anal.

**Fase Fálica.** Bem cedo, já aos três anos, a criança entra na fase fálica, que focaliza as áreas genitais do corpo. Freud afirmava que essa fase é melhor caracterizada por "fálica" uma vez que é o período em que uma criança se dá conta de seu pênis ou da falta de um. É a primeira fase em que as crianças tomam-se conscientes das diferenças sexuais.

As opiniões de Freud a respeito do desenvolvimento da inveja do pênis em meninas foram longamente debatidas em círculos psicanalíticos, assim como em outros lugares. (Incluímos uma discussão completa deste aspecto controverso da teoria psicanalítica no Apêndice I.) Freud concluiu, a partir de suas observações, que, durante esse período, homens e mulheres desenvolvem sérios temores sobre questões sexuais.

O desejo de ter um pênis e a aparente descoberta de que lhe falta "algo" constituem um momento crítico no desenvolvimento feminino. Segundo Freud: "A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis:

uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e a terceira, finalmente, à feminilidade normal" (1933, livro 29, p. 31 na ed. bras.).

Freud tentou compreender as tensões que uma criança vivência quando sente excitação "sexual", isto é, o prazer a partir da estimulação de áreas genitais. Esta excitação está ligada, na mente da criança, à presença física próxima de seus pais. O desejo desse contato toma-se cada vez mais difícil de ser satisfeito pela criança, ela luta pela intimidade que seus pais compartilham entre si. Esta fase caracteriza-se pelo desejo da criança de ir para a cama de seus pais e pelo ciúme da atenção que seus pais dão um ao outro, ao invés de dá-la à criança.

Freud viu crianças nesta fase reagirem a seus pais como ameaça potencial à satisfação de suas necessidades. Assim, para o menino que deseja estar próximo de sua mãe, o pai assume alguns atributos de um rival. Ao mesmo tempo, o menino ainda quer o amor e a afeição de seu pai e, por isso, sua mãe é vista como uma rival. A criança está na posição insustentável de querer e temer ambos os pais.

Em meninos, Freud denominou a situação complexo de Édipo, segunda peça de Sófocles. Na tragédia grega, Édipo mata seu pai (desconhecendo sua verdadeira identidade) e, mais tarde, casa-se com a mãe. Quando finalmente toma conhecimento de quem havia matado e com quem se casara, o próprio Édipo desfigura-se arrancando os dois olhos. Freud acreditava que todo menino revive um drama interno similar. Ele deseja possuir sua mãe e matar seu

pai para realizar este destino. Ele também teme seu pai e receia ser castrado por ele, reduzindo a criança a um ser sem sexo e, portanto, inofensivo. A ansiedade da castração, o temor e o amor pelo seu pai, e o amor e o desejo sexual por sua mãe não podem nunca ser completamente resolvidos. Na infância, todo o complexo é reprimido. Mantê-lo inconsciente, impedi-lo de aparecer, evitar até mesmo que se pense a respeito ou que se refuta sobre ele—essas são algumas das primeiras tarefas do superego em desenvolvimento.

Para as meninas, o problema é similar, mas sua expressão e solução tomam um rumo diferente. A menina deseja possuir seu pai e vê sua mãe como a maior rival. Enquanto os meninos reprimem seus sentimentos, em parte pelo medo da castração, a necessidade da menina de reprimir seus desejos é menos severa, menos total. A diferença em intensidade permite a elas "permanecerem nela (situação edípica) por um tempo indeterminado; des-troem-na tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto" (1933, livro 29, p. 35 na ed. bras.). (Veja apêndice para uma discussão mais completa.)

Seja qual for a forma que realmente toma a resolução da luta, a maioria das crianças parece modificar seu apego aos pais em algum ponto depois dos cinco anos de idade e voltam-se para o relacionamento com seus companheiros, atividades escolares, esportes e outras habilidades. Esta época, da idade de 5, 6 anos até o começo da puberdade, é denominada *período de Intenda*, um tempo em que os desejos sexuais não-resolvidos da fase fálica não são atendidos pelo ego e cuja repressão é feita, com sucesso, pelo superego. "A partir desse ponto, até a puberdade, estende-se o que se conhece por período de latência. Durante ele a sexualidade normalmente não avança mais, pelo contrário, os anseios sexuais diminuem de vigor e são abandonadas e esquecidas muitas coisas que a criança fazia e conhecia. Nesse período da vida, depois que a primeira eflorescência da sexualidade feneceu, surgem atitudes do ego como vergonha, repulsa e moralidade, que estão destinadas a fazer frente à tempestade ulterior da puberdade e a alicerçar o caminho dos desejos sexuais que se vão despertando" (1926, livro 25, p. 128 na ed. bras.).

**Fase Genital.** A fase final do desenvolvimento biológico e psicológico ocorre com o início da puberdade e o conseqüente retorno da energia libidinal aos órgãos sexuais. Neste momento, meninos e meninas estão ambos conscientes de suas identidades sexuais distintas e começam a buscar formas de satisfazer suas necessidades eróticas e interpessoais.

## DINÂMICA

### Crescimento Psicológico

**Psicanálise.** A intenção de Freud, desde seus primeiros escritos, era entender melhor os aspectos obscuros e aparentemente inatingíveis da vida mental. Ele denominou psicanálise a teoria e terapia. "Psicanálise é o nome de:

(1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos, e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica" (1923, livro 15, p. 107 na ed. bras.).

Um exame dos métodos da psicanálise e seus principais procedimentos—associação livre e transferência—está além dos objetivos deste livro. O objetivo da psicanálise é liberar materiais inconscientes antes inacessíveis, de modo que se possa lidar com eles conscientemente. Freud acreditava que o material inconsciente permanecia inconsciente apenas através de um consumo considerável e contínuo de libido. À medida que esse material torna-se acessível, a energia é liberada e pode ser usada pelo ego para atividades mais saudáveis.

A liberação de materiais bloqueados é capaz de minimizar as atitudes autodestrutivas. É possível reavaliar a necessidade de ser punido ou de sentir-se inadequado por exemplo, trazendo à consciência aqueles atos ou fantasmas que levavam à necessidade. As pessoas podem, então, libertar-se do sofrimento que, de certa forma, traziam perpetuamente consigo mesmas. Exemplificando, muitos, se não a maioria dos norte-americanos, sentem que seus órgãos sexuais não têm a medida certa: os pênis são muito curtos ou muito finos; os seios são flácidos, muito miúdos, muito grandes ou malformados e assim por diante. A maioria dessas crenças surge durante os anos da adolescência ou mais cedo. Os resíduos inconscientes dessas atitudes são visíveis nas preocupações a respeito de adequação sexual, capacidade de despertar desejo, ejaculação precoce, frigidez e um grande número de sintomas relatados. Se estes temores não-expressos forem explorados, expostos e atenuados, pode haver um aumento da energia sexual disponível, assim como uma redução da tensão total.

A psicanálise sugere que é possível, porém difícil, chegar a um acordo com as repetidas exigências do id. "O propósito da psicanálise é revelar os complexos reprimidos por causa de desprezo e que produzem sinais de resistência ante as tentativas de levá-los à consciência" (1906, livro 31, pp. 62-63 na ed. bras.). "Uma das atribuições da psicanálise, como sabem, é erguer o véu da amnésia que oculta os anos iniciais da infância e trazer à memória consciente as manifestações do início da vida sexual infantil que estão contidas neles" (1933, livro 28, p. 42 na ed. bras.). As metas, tais como descritas por Freud, pressupõem que se uma pessoa liberar-se das inibições do inconsciente, o ego estabelecerá novos níveis de satisfação em todas as áreas de funcionamento.

**Sonhos e Elaboração Onírica.** Ouvindo as associações livres de seus pacientes, assim como considerando sua própria auto-análise, Freud começou a investigar os relatos e lembranças dos sonhos. No livro que é com frequência descrito como seu trabalho mais importante—*A Interpretação de Sonhos* (1900)—ele descreve como os sonhos ajudam a psique a se proteger e satisfazer-se. Obstáculos incessantes e desejos não mitigados preenchem o cotidiano. Os sonhos são um balanço parcial, tanto somática quanto psicologicamente. Freud indica que do ponto de vista biológico, a função dos sonhos é permitir que o sono não seja perturbado. Sonhar é uma forma de canalizar desejos não realizados através da consciência sem despertar o corpo. "Uma estrutura de pensamento, na maioria das vezes muito complicada, que foi construída durante o dia e não realizada (estabelecida)—um remanescente do dia—apega-se firmemente mesmo durante a noite à energia que tinha assumido ... e então ameaça perturbar o sono. Esse resíduo diurno é transformado num sonho pela

elaboração onírica e, dessa forma, torna-se inofensivo ao sono (1905; em Fo-dor, 1958, pp. 52-53).

Mais importante que o valor biológico dos sonhos são os efeitos psicológicos da *elaboração onírica*. Esta é "o conjunto das operações que transformam os materiais do sonho (estímulos corporais, restos diurnos, pensamentos do sonho) num produto: o sonho manifesto" (LaPlanche e Pontalis, 1973, p. 664 na ed. bras.). Um sonho não aparece simplesmente; ele é desenvolvido para atingir necessidades específicas, embora essas não sejam descritas de maneira clara pelo conteúdo manifesto do sonho.

Quase todo sonho pode ser compreendido como a *realização de um desejo*. O sonho é um caminho alternativo para satisfazer os desejos do id. Quando em estado de vigília, o ego esforça-se para proporcionar prazer e reduzir o desprazer. Durante o sono, necessidades não satisfeitas são escolhidas, combinadas e arrançadas de modo que as sequências do sonho permitam uma satisfação adicional ou redução de tensão. Para o id, não é importante o fato da satisfação ocorrer na realidade físico-sensorial ou na imaginada realidade interna do sonho. Em ambos os casos, energias acumuladas são descarregadas.

Muitos sonhos parecem não ser satisfatórios; alguns são deprimentes, alguns perturbadores, outros assustadores e muitos simplesmente obscuros. Muitos sonhos parecem reviver eventos passados, enquanto uns poucos parecem ser proféticos. Através da análise detalhada de dezenas de sonhos, ligando-os a conhecimentos da vida do sonhador, Freud foi capaz de mostrar que a elaboração onírica é um processo de seleção, distorção, transfiguração, inversão, deslocamento e outras modificações em um desejo original. Essas mudanças tomam tal desejo aceitável ao ego, mesmo que o desejo não-modificado seja totalmente inaceitável pela consciência em estado de vigília. Freud torna-nos cientes da permissividade dos sonhos, onde toleramos ações que estão claramente além das restrições morais de nossa vida de vigília. Em sonhos, matamos, mutilamos ou destruímos inimigos, parentes ou amigos; temos relações sexuais, realizamos nossas perversões e tomamos como parceiros sexuais uma vasta gama de pessoas. Em sonhos, combinamos pessoas, lugares e ocasiões que não apresentam nenhuma possibilidade de serem reunidos no nosso mundo de vigília.

O sonho é uma forma de satisfazer desejos que não foram ou não podem ser realizados durante o dia. Os "resíduos diurnos" que formam o conteúdo manifesto do sonho servem como estrutura do conteúdo latente ou dos desejos disfarçados. O sonho realiza, em pelo menos dois níveis, incidentes comuns que não foram resolvidos ou que fazem parte de padrões mais amplos e antigos que nunca foram solucionados.

Sonhos repetidos podem ocorrer quando um acontecimento diurno provoca o mesmo tipo de ansiedade que levou ao sonho original. Por exemplo, uma mulher de 60 anos ativa e feliz no casamento, de vez em quando ainda sonha que vai prestar exames no colégio. Ela entra na classe, mas a mesma está vazia. O exame terminou, ela chegou muito tarde. Ela tem esse sonho quando está ansiosa a respeito de uma dificuldade corriqueira; no entanto, sua ansiedade não está relacionada nem com o colégio, nem com os exames, os quais deixou para trás há muitos anos.

Sonhos tentam satisfazer desejos, mas nem sempre são bem sucedidos. "Em determinadas circunstâncias, um sonho só é capaz de levar a efeito a sua

intenção de modo muito incompleto, ou, então, tem de abandoná-la por inteiro. A fixação inconsciente a um trauma parece estar acima de tudo, entre esses obstáculos à função de sonhar" (1933, livro 28, p. 43 na ed. bras.).

Dentro do contexto da psicanálise, o terapeuta ajuda o paciente a interpretar os sonhos para facilitar a recuperação do material inconsciente. Freud fez certas generalizações sobre tipos especiais de sonhos (p. ex. sonhos em que se cai, em que se voa, em que se nada, e sonhos sobre fogo), mas ele deixa claro que para cada caso específico as regras gerais podem não ser válidas, e que as associações de um indivíduo em seu próprio sonho são mais importantes que qualquer conjunto preconcebido de regras de interpretação.

Os críticos de Freud frequentemente sugerem que ele interpretou além do necessário os componentes sexuais dos sonhos de forma a ajustá-los à sua teoria geral. A réplica de Freud é clara: "Jamais sustentei a afirmação, tantas vezes a mim atribuída, de que a interpretação de sonhos revela que todos os sonhos têm um conteúdo sexual ou provêm de forças motoras sexuais" (1925, livro 25, p. 58 na ed. bras.). O que ele sustentou é que os sonhos não são nem casuais nem acidentais, e sim um modo de satisfazer desejos não realizados. Outros teóricos, incluindo Jung e Peris, que não aceitaram as interpretações de Freud, reconheceram, contudo, sua dívida para com ele pelo seu trabalho pioneiro em desvendar e interpretar a função dos sonhos.

**Sublimação.** A sublimação é o processo através do qual a energia originalmente dirigida para propósitos sexuais ou agressivos é direcionada para novas finalidades, com frequência metas artísticas, intelectuais ou culturais. A sublimação foi denominada a "defesa bem sucedida" (Fenichel, 1945). Podemos comparar a energia original a um rio que inunda, destruindo casas e propriedades. Para evitar isso, uma barragem é construída. A destruição não pode mais ocorrer mas a pressão se desenvolve atrás do dique, ameaçando danos ainda maiores se, em qualquer ocasião, a barreira romper-se. A sublimação é a construção de canais alternativos que, por sua vez, podem ser usados para gerar energia elétrica, irrigar áreas outrora áridas, criar parques e oferecer outras oportunidades recreativas. A energia original do rio foi desviada com sucesso para canais socialmente aceitáveis ou culturalmente sancionados.

A energia sublimada é responsável pelo que denominamos civilização. Freud alega que a enorme energia e complexidade da civilização resulta da pulsão subjacente para achar vias aceitáveis e suficientes para a energia reprimida. A civilização encoraja a transcendência das pulsões originais e, em alguns casos, os fins alternativos podem ser mais satisfatórios para o id que a satisfação dos impulsos iniciais.

A energia sublimada reduz as pulsões originais. Esta transformação "coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetos sem restringir consideravelmente a sua intensidade" (1908, livro 31, p. 32 na ed. bras.).

### **Obstáculos ao Crescimento**

**Ansiedade.** O principal problema da psique é encontrar maneiras de enfrentar a ansiedade. Esta é provocada por um aumento, esperado ou previsto, da tensão ou desprazer; pode desenvolver-se em qualquer situação (real ou

imaginada), quando a ameaça a alguma parte do corpo ou da psique é muito grande para ser ignorada, dominada ou descarregada.

Situações protótipas que causam ansiedade incluem as seguintes:

1. Perda de um objeto desejado—por exemplo, uma criança privada de um dos pais, de um amigo íntimo, ou de um animal de estimação.
2. Perda de amor—por exemplo, rejeição, fracasso em reconquistar o amor ou a aprovação de alguém que lhe importa.
3. Perda de identidade—por exemplo, medo de castração, da perda de prestígio, de ser ridicularizado em público.
4. Perda de auto-estima—por exemplo, a desaprovação do superego por atos ou traços que resultam em culpa ou ódio em relação a si mesmo.

A ameaça desses ou de outros eventos causa ansiedade. Há dois modos de diminuir a ansiedade. O primeiro é lidar diretamente com a situação. Resolvemos problemas, superamos obstáculos, enfrentamos ou rugimos de ameaças, e chegamos a termo de um problema a fim de minimizar seu impacto. Desta forma, lutamos para eliminar dificuldades e diminuir as probabilidades de sua repetição, reduzindo, assim, as perspectivas de ansiedade adicional no futuro. Nas palavras de Hamlet, "pegamos em armas contra um mar de perturbações e, opondo-nos, pomos fim a ele".

A outra forma de defesa contra a ansiedade deforma ou nega a própria situação. O ego protege toda a personalidade contra a ameaça, falsificando a natureza desta. Os modos pelos quais se dão as distorções são denominados *mecanismos de defesa*.

**Mecanismos de Defesa.** Os principais mecanismos de defesa "patogênicos" aqui descritos são: repressão, negação, racionalização, formação reativa, isolamento, projeção e regressão (Anna Freud, 1936; Fenichel, 1945). A sublimação, exposta anteriormente, é uma defesa bem sucedida; ela de fato resolve e elimina a tensão. Todas as outras defesas bloqueiam a expressão direta de necessidades instintivas. Enquanto que qualquer um destes mecanismos pode ser encontrado em indivíduos saudáveis, sua presença é, via de regra, uma indicação de possíveis sintomas neuróticos.

**Repressão.** "A essência da repressão consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância" (1915, livro 11, p. 60 na ed. bras.). A repressão afasta da consciência um evento, ideia ou percepção potencialmente provocadores de ansiedade, impedindo, assim, qualquer solução possível. É pena que o elemento reprimido ainda faça parte da psique, apesar de inconsciente, e que continue a ser um problema.

"A repressão nunca é realizada de uma vez por todas, mas requer um constante consumo de energia para manter-se, enquanto que o reprimido faz tentativas constantes para encontrar uma saída" (Fenichel, 1945). Sintomas histéricos com frequência têm sua origem numa antiga repressão. Algumas doenças psicossomáticas, tais como asma, artrite e ulcera, podem estar relacionadas com a repressão. Também é possível que o cansaço excessivo, fobias e impotência ou frigidez derivem de sentimentos reprimidos. Se, por exemplo, você tiver sentimentos fortemente ambivalentes em relação a seu pai, você poderá amá-lo e ao mesmo tempo desejar que ele estivesse morto. O

desejo de sua morte, com as fantasias que o acompanham, e os sentimentos resultantes da culpa e vergonha, podem todos ser inconscientes, uma vez que tanto o ego quanto o superego achariam a ideia inaceitável. No momento da morte de seu pai, esse complexo seria reprimido de forma ainda mais rígida. Admitir tais sentimentos significaria que você sentiria prazer com a morte de seu pai, um sentimento ainda mais inaceitável pelo seu superego do que ressentimento ou hostilidade iniciais. Nesta situação você pode parecer não-afe-tado ou indiferente à morte dele, a repressão retendo a dor e a perda genuínas, assim como a hostilidade não expressa.

*Negação.* Negação é a tentativa de não aceitar na realidade um fato que perturba o ego. Os adultos têm a tendência de "fantasiar" que certos acontecimentos não são assim, que na verdade não aconteceram. Este voo de fantasia pode tomar várias formas, algumas das quais parecem absurdas ao observador objetivo. A seguinte estória é uma ilustração da negação:

Uma mulher foi levada à Corte a pedido de seu vizinho. Esse vizinho acusava a mulher de ter pego e danificado um vaso valioso. Quando chegou a hora da mulher se defender, sua defesa foi tripla: "Em primeiro lugar, nunca tomei o vaso emprestado. Em segundo lugar, estava lascado quando eu o peguei. Finalmente, Sua Excelência, eu o devolvi em perfeito estado".

A notável capacidade de lembrar-se incorretamente de fatos é a forma de negação encontrada com maior frequência na prática psicoterápica. O paciente recorda-se de um acontecimento de forma vívida, depois, mais tarde, pode lembrar-se do incidente de maneira diferente e, de súbito, dar-se conta de que a primeira versão era uma construção defensiva.

Freud não pretendeu que suas observações fossem inteiramente originais. Com efeito, ele cita as observações de Darwin e de Nietzsche sobre si próprios. Darwin, em sua autobiografia, anotou:

Durante muitos anos obedeci a uma regra de ouro. A saber: sempre que eu deparava com um fato publicado, uma nova observação ou pensamento, que se opunha aos meus resultados gerais, eu imediatamente anotava isso sem errar, porque a experiência me ensinou que tais fatos e pensamentos fogem da memória com muito maior facilidade que os favoráveis (citado em Freud, 1901, vol. VI, p. 185 na ed. bras.).

Nietzsche comentou um aspecto diferente do mesmo processo:

"Isto foi feito por mim", diz a memória. "Isto não foi feito por mim", diz meu orgulho, e permanece inexorável. Por fim a memória cede (citado em Freud, 1901, vol. VI, p.183).

*Racionalização.* Racionalização é o processo de achar motivos aceitáveis para pensamentos e ações inaceitáveis. É o processo através do qual uma pessoa apresenta uma explicação que é ou logicamente consistente ou eticamente aceitável para uma atitude, ação, ideia ou sentimento que emerge de outras fontes motivadoras. Usamo-la para justificar nosso comportamento quando, na realidade, as razões para nossos atos não são recomendáveis. As seguintes afirmações podem ser racionalizações; as afirmações entre parênteses são as possíveis razões não expressas:

1. "Eu só estou fazendo isto para seu próprio bem". (Eu quero fazer isto para você. Eu não quero que me façam isto. Eu até mesmo quero que você sofra um pouco.)
2. "O experimento foi uma continuação lógica de meu trabalho anterior". (Eu comecei com um erro, mas tive sorte quanto ao fato dele ter dado certo.)
3. "Eu acho que estou apaixonado por você". (Estou "ligado" no teu corpo, quero que você relaxe e se "ligue" no meu.)

Racionalização é um modo de aceitar a pressão do superego; disfarça nossos motivos, tomando nossas ações moralmente aceitáveis. Enquanto obstáculo ao crescimento, impede a pessoa que racionaliza ou qualquer outra, de aceitar e trabalhar com as genuínas forças motivadoras menos recomendáveis. Vista de fora, como na seguinte estória de Idries Shah, parece uma confirmação do óbvio.

#### A ESCOLHA DO QUEIJO

— Eu decidi, disse o rato, gostar de queijo. Uma decisão tão importante, é desnecessário dizer, não pode ser tomada sem um período suficiente de cuidadosa deliberação. Não se pode negar o encanto imediato indefinível estético da substância. Todavia, isso só é possível para o tipo de indivíduo mais refinado - a estúpida raposa, por exemplo, carece de discriminação sensitiva ate mesmo para se aproximar do queijo.

— Outros fatores na escolha não são menos suscetíveis à análise racional: o que vem de encontro, naturalmente, à maneira certa de ser.

— A cor atraente, a textura conveniente, o peso adequado, as formas diversas e interessantes, os locais relativamente numerosos onde podemos encontrá-lo, a razoável facilidade de digestão, a relativa abundância de variedade dos conteúdos nutritivos, a pronta acessibilidade, a considerável facilidade de transporte, a ausência total de efeitos colaterais - estes e uma centena de outros fatores de fácil definição provam abundantemente meu bom senso e meu profundo discernimento, exercitados de forma consciente na realização desta sábia e deliberada escolha (1972).

*Formação Reativa.* Esse mecanismo substitui comportamentos e sentimentos que são diametralmente opostos ao desejo real; é uma inversão clara e, em geral, inconsciente do desejo.

Como outros mecanismos de defesa, as formações reativas são desenvolvidas, em primeiro lugar, na infância. "Como as crianças tomam-se conscientes da excitação sexual que não pode ser satisfeita, evocam conseqüentemente forças psíquicas opostas que, a fim de suprimirem efetivamente este desprazer, constróem as barreiras mentais que já mencionei — a repugnância, a vergonha e a moralidade" (1905a, livro 2, p. 73 na ed. bras.). Não só a ideia original é reprimida, mas qualquer vergonha ou auto-reprovação que poderiam surgir ao admitir tais pensamentos também são excluídas da consciência.

Infelizmente, os efeitos colaterais da formação reativa podem prejudicar os relacionamentos sociais. As principais características reveladoras de formação reativa são seu excesso, sua rigidez e sua extravagância. O impulso, sendo negado, tem que ser cada vez mais ocultado.

A seguinte carta foi escrita a um pesquisador por um antivivisseccionista- É um claro exemplo de um sentimento — compaixão por todas as coisas vivas — usado para disfarçar outro sentimento — uma pulsão para fazer mal e torturar.

Eu li (um artigo de revista) ... a respeito de seu estudo sobre alcoolismo. . . . Estou surpreso que alguém tão culto quanto o senhor possa assumir tal posição e . 'Vi rebaixar-se tanto a ponto de torturar pequenos gatos indefesos no intento de achar • ^H^ uma cura para alcoólatras. . . . Um bêbado não quer ser curado - um bêbado é apenas um idiota de mente fraca que caiu na sarjeta e deveria ali permanecer. Ao invés de torturar pequenos gatos indefesos, por que não torturar bêbados; ou, ^E melhor ainda, colocar seu esforço pretensamente nobre para editar uma lei que fjll *exterminasse os bêbados*. . . . Meu maior desejo é que lhe seja imposta uma tor- ;'jl tura mil vezes maior que aquela que o senhor infligiu e tem infligido aos pequenos ..N^r animais. ... Se o senhor for um exemplo do que um ilustre psiquiatra deve ser, es- ^jí?' tou feliz em ser apenas um ser humano comum, sem título após meu nome. Pré- 'H? firo simplesmente ser eu mesmo, com a consciência limpa, *sabendo que não feri jap^ nenhuma criatura viva*, e poder dormir sem ver gatos morrendo assustados, atemo- ^H rizados - pois sei que devem morrer depois de terminado o seu trabalho com eles. 3^1 Nenhum castigo é bastante grande para o senhor, e espero viver e ler a respeito de fS seu corpo mutilado e de seu longo sofrimento antes de morrer ao final — e eu rirei ^Sf durante muito tempo e muito alto" (Massennan, 1961, p. 38).

É possível evidenciar formações reativas em qualquer comportamento -^ excessivo. A dona de casa que limpa continuamente a sua casa pode, na realidade, estar concentrando sua consciência no contato e no exame da sujeira. Os pais que não são capazes de admitir seu ressentimento em relação aos filhos "podem interferir tanto em suas vidas, sob o pretexto de estarem preocupados com seu bem-estar e segurança, que a superproteção é, na verdade, uma forma de punição" (Hall, 1954, p. 93). A formação reativa oculta partes da personalidade e restringe a capacidade de uma pessoa responder a eventos; a personalidade pode tornar-se relativamente inflexível.

*Projeção.* O ato de atribuir a uma outra pessoa, animal ou objeto as qualidades, sentimentos ou intenções que se originam em si próprio, é denominado *projeção*. É um mecanismo de defesa por meio do qual os aspectos da personalidade de um indivíduo são deslocados de dentro deste para o meio externo. A ameaça é tratada como se fosse uma força externa. A pessoa pode, então, lidar com sentimentos reais, mas sem admitir ou estar consciente do fato de que a ideia ou comportamento temido é dela mesma. As seguintes afirmações podem ser projeções; a afirmação entre parênteses, o sentimento inconsciente real:

1. "Todos os homens/mulheres querem apenas uma coisa" (Eu penso muito a respeito de sexo);
2. "Você nunca pode confiar num negro, num carcamano, numa vespa, num ganso selvagem, num estudante, num padre, numa mulher" (Eu quero, às vezes, tirar vantagem injusta dos outros);
3. "Posso dizer que você está furioso comigo" (Eu estou furioso com você).

Sempre que caracterizamos algo "fora" como mau, perigoso, perverso e assim por diante, sem reconhecermos que essas características podem também ser verdadeiras para nós, é provável que estejamos projetando. É igualmente verdadeiro que quando percebemos os outros como sendo poderosos, atraentes, capazes e assim por diante, sem apreciar as mesmas qualidades em nós mesmos, também estamos projetando. A variável crítica na projeção é que não vemos em nós mesmos o que parece claro e óbvio nos outros.

Pesquisas relativas à dinâmica do preconceito mostraram que as pessoas

que tendem a estereotipar outras também revelam pouca percepção de seus próprios sentimentos. As pessoas que negam ter um traço de personalidade específico são mais críticas em relação a este traço quando o vêem ou pro-jetam sobre outros (Sears, 1936).

*Isolamento.* Isolamento é um modo de separar as partes da situação provocadoras de ansiedade, do resto da psique. É o ato de dividir a situação de modo a restar pouca ou nenhuma reação emocional ligada ao acontecimento.

O resultado é que, quando uma pessoa discute problemas que foram isolados do resto da personalidade, os fatos são relatados sem sentimento, como se tivessem acontecido a um terceiro. Esta abordagem árida pode tomar-se uma maneira dominante de enfrentar situações. Uma pessoa pode isolar-se cada vez mais em ideias e ter contato cada vez menor com seus próprios sentimentos.

As crianças podem brincar com isto dividindo suas identidades em aspectos bons e maus. Podem pegar um animal de brinquedo e fazê-lo falar e fazer todo o tipo de coisas proibidas. A personalidade do animal pode ser tirânica, rude, sarcástica ou irracional. Uma criança pode revelar, através do animal, comportamentos que os pais não permitiriam em circunstâncias normais.

A discussão de Freud sobre isolamento aponta que o protótipo normal de isolamento é o pensamento lógico, que também tenta separar o assunto da situação emocional em que se encontra. O isolamento é um mecanismo de defesa somente quando usado para proteger o ego de aceitar aspectos de situações ou relacionamentos dominados pela ansiedade.

*Regressão.* Regressão é um retorno a um nível de desenvolvimento anterior ou a um modo de expressão mais simples ou mais infantil. É um modo de aliviar a ansiedade escapando do pensamento realístico para comportamentos que, em anos anteriores, reduziram a ansiedade. Linus, nas estórias em quadrinhos de Charley Brown, sempre volta a um espaço psicológico seguro quando está sob tensão; ele se sente seguro quando agarra seu cobertor.

A regressão é um modo de defesa mais primitivo. Embora reduza a tensão, frequentemente deixa sem solução a fonte de ansiedade original. A extensa lista de Calvin Hall, de comportamentos regressivos, nos dá oportunidade de ver se inclui alguns de nossos comportamentos.

Até mesmo pessoas saudáveis bem ajustadas fazem regressões de vez em quando a fim de reduzir a ansiedade, ou, como dizem, desabafar. Fumam, embebedam--se, comem demais, perdem a paciência, roem as unhas, põem o dedo no nariz, quebram leis, falam como crianças, destroem propriedades, masturbam-se, lêem estórias de mistério, vão ao cinema, engajam-se em práticas sexuais inusitadas, mascam chicle e tabaco, vestem-se como crianças, dirigem rápida e imprudentemente, acreditam em espíritos bons e maus, tiram sonecas, lutam e matam uns -,'- ' aos outros, apostam em cavalos, fantasiam, rebelam-se ou submetem-se a uma autoridade, jogam, envaidecem-se diante do espelho, dão vazão a seus impulsos, arrumam bodes expiatórios e fazem mil e uma outras coisas infantis. Algumas dessas regressões são tão comuns que são encaradas como sinais de maturidade. Na verdade, todas elas constituem formas de regressão usadas por adultos (Calvin Hall, 1954, pp. 95-96).

*Resumo dos Mecanismos de Defesa.* As defesas aqui descritas são formas que a psique tem de se proteger da tensão interna ou externa. As defesas evitam a realidade (repressão), excluem a realidade (negação), redefinem a realidade (racionalização) ou invertem-na (formação reativa). Elas colocam sentimentos internos no mundo externo (projeção), dividem a realidade (isolamento) ou dela escapam (regressão). Em todos os casos, a energia libidinal é necessária para manter a defesa, limitando efetivamente a flexibilidade e a força do ego. "Interrompem a energia psíquica que poderia ser usada para atividades mais eficientes do ego. Quando uma defesa se torna muito influente, domina o ego e restringe sua flexibilidade e adaptabilidade. Finalmente, se as defesas se quebrarem, ele não terá a que recorrer e será dominado pela ansiedade" (HaU, 1954, p. 96).

## **ESTRUTURA**

### **Corpo**

Como pode ser visto pelo material precedente, Freud abordou a personalidade sob o ponto de vista fisiológico. As pulsões básicas surgem de fontes somáticas; a energia libidinal deriva da energia física; respostas à tensão determinam os comportamentos tanto físicos quanto mentais. A excitação e o relaxamento instintivo existem num limite indefinido entre o orgânico e o mental.

O foco primário da energia libidinal, encontra-se nos vários modos de expressão sexual. A maioria das funções cruciais do corpo está ligada à expressão e diferenciação sexual. A maturidade plena desenvolve-se a partir da plena sexualidade genital. Uma das muitas contribuições de Freud foi alertar sua geração, mais uma vez, para a primazia do corpo como o centro de funcionamento da personalidade.

### **Relacionamento Social**

As interações e relacionamentos adultos são fortemente influenciados pelas primeiras experiências infantis. As primeiras relações, aquelas que ocorrem no núcleo da família, são as determinantes; todos os relacionamentos posteriores referem-se de várias formas aos modos pelos quais estes relacionamentos iniciais foram formados e mantidos. Os modelos básicos de criança--mãe, criança-pai e criança-irmãos são os protótipos a partir dos quais os encontros posteriores são inconscientemente avaliados. Os relacionamentos posteriores são, até certo grau, recapitulações da dinâmica, das tensões e das gratificações que ocorreram na família original.

Nossas escolhas na vida — pessoas amadas, amigos, chefes, mesmo nossos inimigos — derivam dos laços criados entre pais e filhos. As rivalidades naturais são recapituladas em nossas funções sexuais e no modo com que nos adaptamos às exigências dos outros. Com grande frequência desempenhamos a dinâmica iniciada em nossas casas, escolhendo, muitas vezes, como companheiros, pessoas que reavivam em nós aspectos não resolvidos de nossas necessidades originais. Para alguns, estas são escolhas conscientes, para outros, isto é feito na ignorância da dinâmica subjacente.

As pessoas afastam-se, assustadas, desse aspecto da teoria freudiana, uma vez que ele sugere que as futuras escolhas de uma pessoa já se acham restringidas. O problema é até que ponto as experiências infantis determinam as op-

coes adultas. Por exemplo, um período crítico no desenvolvimento dos relacionamentos ocorre durante a fase fálica, quando ambos os sexos enfrentam, pela primeira vez, tanto os crescentes sentimentos eróticos em relação a seus pais, quanto a inabilidade concomitante de gratificar estas necessidades. Entretanto, mesmo quando as complicações edípicas resultantes são solucionadas, aquela dinâmica continua a afetar os relacionamentos posteriores.

Os relacionamentos baseiam-se nos efeitos residuais das primeiras experiências intensas. Os encontros da adolescência, da maturidade, de adultos, jovens e velhos, e os padrões de amizade ou casamento constituem uma retomada de facetas não resolvidas dos primórdios da infância.

### **Vontade**

A vontade nunca foi um tópico de maior interesse para Freud. Numa de suas primeiras obras (1894), escreveu que era através de um esforço de vontade que os eventos provocadores de ansiedade podiam ser reprimidos, embora a repressão não fosse sempre totalmente bem sucedida. "Pelo menos em boa quantidade dos casos, os próprios pacientes informam-nos que sua fobia ou obsessão apareceu pela primeira vez depois que um esforço de vontade aparentemente atuou neste sentido. "Aconteceu-me certa vez uma coisa muito desagradável e tentei arduamente afastá-la de mim, e não pensar mais nela. Finalmente consegui, mas então contraí essa outra coisa (obsessão), de que não pude livrar-me desde essa época" (1894, livro 32, p. 57 na ed. bras.).

Em casos de obsessão muito poderosa, o paciente pode experimentar uma "paralisia" da vontade. Uma pessoa reluta ou é incapaz de tomar qualquer decisão significativa porque está presa entre uma necessidade excessiva de aprovação e um medo de ser atacada ou ameaçada.

Posteriormente, um analista ampliou a teoria psicanalítica para dar uma descrição mais completa da vontade (Farber, 1966), mas esta não tem suscitado um interesse teórico central dentro do movimento psicanalítico.

### **Emoções**

O que Freud descobriu, numa época em que se venerava a razão e negava-se tanto o valor quanto o poder da emoção, foi que não somos basicamente animais racionais, mas somos dirigidos por forças emocionais poderosas cuja gênese é inconsciente. As emoções são as vias para o alívio da tensão e a apreciação do prazer. Elas também podem servir ao ego ajudando-o a evitar a tomada de consciência de certas lembranças e situações. Por exemplo, é possível que fortes reações emocionais escondam, na realidade, um trauma infantil. Uma reação fóbica, efetivamente, impede uma pessoa de se aproximar de um objeto ou de uma série de objetos que poderiam fazer com que uma fonte de ansiedade mais ameaçadora ressurgisse.

Através da observação de respostas emocionais, de suas expressões adequadas ou inadequadas, Freud achou as pistas que eram as chaves para descobrir e compreender as forças motivadoras do inconsciente.

### **Intelecto**

O intelecto é um dos instrumentos acessíveis ao ego. A pessoa mais livre e aquela que é capaz de usar a razão sempre que for oportuno, e cuja vida emocional está aberta à inspeção consciente. Tal pessoa não é levada por resíduos insaciados de eventos passados mas pode

situação, equilibrando suas preferências individuais e as restrições impostas pela cultura.

A mais impressionante e provavelmente a mais intensa força emocional em Freud era sua paixão pela verdade e sua intransigente fé na razão; para ele, a razão era a única capacidade humana que poderia ajudar a solucionar o problema da existência ou, pelo menos, aliviar o sofrimento inerente à vida humana.

Para Freud, assim como para a época em que ele escreveu, a imagem da humanidade elevando-se acima de suas restrições animais era uma aspiração respeitada e inquestionável. A obra de Freud expôs as camadas mais profundas da personalidade; nós não assumimos mais com tanta força sua crença na primazia da razão.

O que Freud percebeu foi que qualquer aspecto da existência inconsciente, levado à luz da consciência, pode ser abordado racionalmente. "Onde está o id, ali estava o ego" (1933, livro 28, p. 102 na ed. bras.). Quando as pulsões instintivas e irracionais dominam, deixem-nas ser expostas, moderadas e dominadas pelo ego. Se a pulsão original não for reprimida, torna-se inculcância do ego usar o intelecto para planejar modos seguros e adequados de satisfação. O uso do intelecto depende inteiramente da capacidade e força do ego. Se o ego for fraco, o intelecto pode ser um meio de sustentar esta fraqueza; se o ego for forte, o intelecto pode apoiar e favorecer essa mesma força.

### Self

O *self* é o ser total: o corpo, os instintos, os processos conscientes e inconscientes. Um *self* independente do corpo ou separado dele, não tem lugar nas crenças biológicas de Freud. Quando tais questões metafísicas eram levantadas, Freud declarava que estas não faziam parte de sua esfera de ação enquanto cientista.

### Terapeuta/Terapia

Estivemos particularmente preocupados com a teoria geral da personalidade de Freud. O próprio Freud, no entanto, envolveu-se com as aplicações práticas de seu trabalho—a prática da psicanálise. O propósito da psicanálise é ajudar o paciente a estabelecer o melhor nível possível de funcionamento do ego, dados os inevitáveis conflitos que emergem do meio externo, do superego, e as inexoráveis exigências instintivas do id. Kenneth Colby, um antigo analista didático, descreve a meta do procedimento analítico:

Ao falar das metas da psicoterapia, o termo "cura" é incluído com frequência. Isto requer uma definição. Se por "cura" queremos dizer alívio das dificuldades neuróticas atuais do paciente, então este é certamente o nosso objetivo. Se por cura queremos dizer uma liberdade vitalícia com respeito a conflitos emocionais e problemas psicológicos, então este não pode ser nosso objetivo. Assim como é possível que uma pessoa sofra de pneumonia, fratura, e diabetes durante sua vida, e que precise de uma medicação particular e de um tratamento diferente para cada situação, outra pessoa pode experimentar, em épocas diferentes, uma depressão, impotência e fobia, sendo que cada uma delas necessita de uma psico-terapia quando a situação aparece. Nosso propósito é tratar os problemas presentes, esperando que o trabalho fortaleça o paciente contra futuras dificuldades neuróticas, mas compreendendo que a terapia não pode garantir uma profilaxia psicológica (Colby, 1951, p. 4).

Que treinamento é necessário para tornar-se um psicanalista? No início, Freud era favorável a que aqueles que desejassem praticar a psicanálise trabalhassem sobre si mesmos, estudando sua própria produção inconsciente, especialmente os sonhos. "A interpretação de sonhos é, na realidade, a estrada real para o conhecimento do inconsciente, a base mais segura da psicanálise. É campo onde cada trabalhador pode por si mesmo chegar a adquirir convicção própria, assim como atingir maiores aperfeiçoamentos. Quando me perguntam como pode uma pessoa fazer-se psicanalista, respondo que é pelo estudo dos próprios sonhos" (1910, livro 1, p. 42 na ed. bras.). Mais tarde, ele se tornou cada vez mais insatisfeito com as qualidades daqueles que resolviam praticar a psicanálise. Percebeu que qualquer forma de auto-análise trazia em si limitações.

Em 1922, no Congresso da Associação Psicanalítica Internacional, concordou-se que uma análise didática com um analista já declarado, seria obrigatória para qualquer candidato a analista. Desse modo este analista tornar-se-ia consciente de seus modos de enfrentar a realidade. E então, quando ele ou ela trabalhasse com pacientes, não haveria confusão entre as necessidades do analista e as do paciente.

Embora nos Estados Unidos, por certas razões sociais e históricas, fosse considerado desejável, porém não absolutamente necessário, ser médico a fim de ser considerado apto para o treinamento psicanalítico, Freud pensava que tal requisito não chegava a ser desejável em muitos casos. "Ponho ênfase na exigência de que ninguém deve praticar a análise se não tiver adquirido o direito de fazê-lo através de uma formação específica. Se essa pessoa é ou não um médico, a mim me parece sem importância" (1926, livro 25, p. 153 na ed. bras.).

« **O Papel do Psicanalista.** A incumbência do terapeuta é ajudar o paciente a lembrar, recuperar e reintegrar materiais inconscientes de forma que a vida atual deste possa ser mais satisfatória. Freud diz: "Fazemo-lo comprometer-se a obedecer a regra *fundamental da análise*, que dali em diante deverá dirigir o seu comportamento para nós. Deve dizer-nos não apenas o que pode dizer intencionalmente e de boa vontade, coisa que lhe proporcionará um alívio semelhante ao de uma confissão, mas também tudo o mais que a sua auto-observação lhe fornece, tudo o que lhe vem à cabeça, mesmo que lhe *seja desagradável* dizê-lo, mesmo que lhe pareça *sem importância* ou realmente *absurdo*" (1940, livro 7, p. 49 na ed. bras.).

O analista apoia estas revelações e não critica e nem aprova os seus conteúdos. Ele não assume nenhuma posição moral, mas é como uma tela branca para as opiniões do paciente. O terapeuta apresenta o menos possível de sua personalidade ao paciente. Esta conduta dá ao paciente a liberdade de tratar o analista de uma infinidade de maneiras, transferindo ao terapeuta atitudes, ideias, ou mesmo características físicas que pertencem, na realidade, a pessoas de seu passado. Esta *transferência* é crucial no processo terapêutico, uma vez que traz eventos passados para um novo contexto, com o qual se pode lidar na terapia. Por exemplo, se uma paciente começar a tratar o terapeuta como se fosse seu pai-arentemente submissa e respeitosa, mas veladamente hostil e irreverente—o analista pode aclarar esses sentimentos para ela. Pode mostrar que ele, o terapeuta, não é a causa dos sentimentos, mas que estes se origina-

ram na própria paciente, e podem refletir aspectos de seu relacionamento com o pai, que ela talvez tenha reprimido.

Para ajudar o paciente a fazer estas ligações, o analista interpreta algo do que o paciente lhe diz, sugerindo elos que este último pode ou não ter reconhecido previamente. Este processo de interpretação é uma questão de intuição e experiência clínica.

Em todo procedimento analítico, o paciente nunca é pressionado a descobrir o material, mas é encorajado a permitir que ele se manifeste, à medida que isto se torna possível através do processo analítico contínuo. Freud encarava a análise como um produto natural; a energia que tinha sido reprimida lentamente emerge na consciência, onde pode ser usada pelo ego em desenvolvimento. "Sempre que conseguimos analisar um sintoma em seus elementos, liberar um impulso instintual de um vínculo, esse impulso não permanece em isolamento, mas entra imediatamente numa nova ligação" (1919, livro 27, p. 71 na ed. bras.).

A tarefa do terapeuta é expor, explorar e isolar os instintos componentes que foram negados ou distorcidos pelo paciente. A reformulação ou estabelecimento de hábitos mais novos e saudáveis ocorrem sem a intromissão do terapeuta. "A psicossíntese é, desse modo, atingida durante o tratamento analítico sem a nossa intervenção, automática e inevitavelmente" (1919, livro 27, p. 72 na ed. bras.).

**Limitações da Psicanálise.** A análise não se aplica a qualquer um e a aplicação correta de seus procedimentos não leva inevitavelmente à melhora. Freud diz: "... O campo de aplicação da terapia analítica se situa nas neuroses de transferência-fobias, histerias, neurose obsessiva—e, além disso, anormalidades de caráter que se desenvolveram em lugar dessas doenças. Tudo o que difere destas, as condições narcísicas e psicóticas, é inevitável em grau maior ou menor" (1933, livro 29, p. 65 na ed. bras.).

Alguns analistas afirmam que os melhores candidatos à análise são pacientes que já estão funcionando bem, cuja estrutura do ego se acha intacta e saudável. Embora Freud tenha observado que a psicanálise poderia ajudar a explicar e compreender a totalidade da consciência humana, ele delicadamente repreendia aqueles que pudessem acreditar que a terapia psicanalítica significasse a cura definitiva. "A psicanálise é realmente um método terapêutico como os demais. Tem seus triunfos e suas derrotas, suas dificuldades, suas limitações, suas indicações. ... E aqui gostaria de acrescentar que não penso poderem nossas curas competir com as que se verificam em Lourdes. São muito mais numerosas as pessoas que crêem nos milagres da Santa Virgem do que aquelas que acreditam na existência do inconsciente" (1933, livro 29, pp. 61-62 na ed. bras.).

## AValiação

Apresentamos uma visão geral da vasta e complexa estrutura teórica desenvolvida por Freud. Nesse capítulo, não tentamos acrescentar as numerosas variações e elaborações de seus seguidores, discípulos, caluniadores, críticos e clientes. Tentamos organizar e simplificar os esboços do que foi, em suas origens, um ponto de vista radical e inovador. Freud transpôs obstáculos, o que poucos pensadores foram capazes de negar. A maioria dos outros autores, nes-

te livro, reconheceu sua dívida para com Freud, tanto os que concordaram com ele, quanto os que frequentemente a ele se opuseram.

As ideias de Freud influenciaram a Psicologia, Literatura, Arte, Antropologia, Sociologia e Medicina. Muitas de suas ideias, tais como a importância dos sonhos e a vitalidade dos processos inconscientes, são bem aceitas. Outras facetas de sua teoria, tais como as relações entre o ego, o id e o superego, ou o papel do complexo de Édipo no desenvolvimento do adolescente, são extensivamente debatidas. Além disso, outras partes de seu trabalho, incluindo a análise da sexualidade feminina e as teorias sobre a origem da civilização, foram em geral criticadas.

Nossa posição é reconhecer que há épocas na vida de uma pessoa em que a descrição de Freud do papel do consciente e do inconsciente aparece como uma revelação pessoal. O impacto atordoante de seu pensamento esclarece um aspecto de nosso caráter ou de outra pessoa, e leva-nos à procura ansiosa de mais livros seus. Há outras épocas em que ele não parece ser útil, quando suas ideias parecem distantes, confusas e irrelevantes para nossa experiência.

Em qualquer época, Freud é uma figura a ser estudada. Seu trabalho leva a uma resposta pessoal. Enquanto examinávamos seus livros que acumulamos durante anos, relemos nossas próprias anotações marginais, algumas de louvor, outras de maldição. Freud não pode ser tratado levemente pois discute e descreve questões que são importantes na vida de todo mundo.

Qualquer que seja sua resposta às ideias de Freud, o conselho dele seria o de considerar sua resposta como um indicador de seu próprio estado de espírito, assim como uma reação ponderada ao seu trabalho. Nas palavras do poeta W. H. Auden a respeito de Freud: "Se amiúde parecia errado e às vezes absurdo, ele agora não é mais uma pessoa para nós, mas todo um clima *Ae opiniones*" (1945).

### Implicações para o Crescimento Pessoal

É possível examinar seu próprio mundo interior a fim de buscar pistas para o seu próprio comportamento; contudo, é uma tarefa extremamente difícil pois você escondeu de você mesmo estas pistas, com maior ou menor sucesso.

Freud sugere que todo comportamento se inter-relaciona, que não há acaso psicológico—que algumas de suas escolhas de pessoas, lugares, alimentos e divertimentos são provenientes de experiências das quais você não lembra ou não pode se lembrar.

Se sua memória para acontecimentos passados é, na realidade, uma mistura de recordações precisas e mais algumas alusivas e distorcidas, como poderá saber o que na verdade aconteceu? *O que importa?*

Aqui está um exemplo da infância de um autor:

Recordo-me, com a clareza de um sofrimento pessoal, ter sido forçado a comer cereal quente no desjejum durante um longo período de minha infância. Recordo-me vívida e visceralmente. Posso evocar a sala de jantar, meu lugar, a mesa, a sensação de revulsão na garganta, as estratégias de adiamento, esperando que os adultos se cansassem de mim e me deixassem, a mim e a minha tigela quase cheia do cereal agora frio e empastado; minhas tentativas de matar o gosto com todo o açúcar com o qual eu pudesse esmagá-lo, e assim por diante, são ainda claras para mim. Desde esse dia, não posso ver uma tigela de mingau quente de aveia em mi-

nã frente sem que seja invadido por este amontoado de recordações da infância. Eu "sei" que passei meses brigando com minha mãe a respeito. Vários anos atrás discuti isso com ela. Ela o recordava claramente, mas "sabia" que foi uma série breve de acontecimentos, alguns dias, talvez uma semana ou duas no máximo, e ela se surpreendeu de que eu me lembrasse do fato. Ficou para mim a decisão-sua memória contra a minha, minha fobia de cereal quente contra sua sensível e consciente maternidade.

O que surgiu foi a compreensão de que nenhum de nós estava mentindo ao outro de forma consciente, ainda que nossas histórias fossem visivelmente diferentes. Pode ser que jamais haja um modo de conhecer os fatos reais. A verdade histórica não era acessível; apenas sobraram as recordações; estas, coloriram-se de ambos os lados pelas repressões e distorções seletivas, elaborações e projeções que Freud descreveu.

Freud não sugere nenhuma solução para o dilema; o que ele revela é a compreensão de que a memória ou versão de seu próprio passado contém pistas para seus próprios modos de agir e ser. Não se trata simplesmente de um registro de acontecimentos passados, disposto em pequenas fileiras ordenadas para uma inspeção objetiva.

A teoria psicanalítica oferece um conjunto de instrumentos para a análise pessoal. Os instrumentos, que incluem um auto-exame paciente, reflexão, análise de sonhos e a observação de padrões repetidos de pensamento e comportamento, existem para serem usados como você desejar. Freud escreveu sobre a maneira como utilizou os instrumentos, sobre o que descobriu e o que concluiu de suas descobertas. Embora suas conclusões ainda sejam uma questão a discutir, seus instrumentos constituem o núcleo de uma dezena de outros sistemas e podem ser a mais duradoura das contribuições para o estudo da personalidade.

## A TEORIA EM PRIMEIRA MÃO

O material seguinte provém de um dos primeiros trabalhos de Freud. A maior parte dele é auto-explanatória. Constitui uma visão rápida da forma como Freud trabalhava com a informação, do modo como ele formava um quadro coerente da causa de um único sintoma a partir de uns poucos itens informativos.

Nas férias de verão do ano de 189— fiz uma excursão ao Hohe Tauern<sup>1</sup> de modo que por um momento pudesse esquecer a Medicina e mais particularmente as neuroses. Quase havia conseguido isso quando um belo dia desviei-me da estrada principal para subir uma montanha que ficava um pouco afastada e que era renomada por suas vistas e pela sua cabana de refúgio bem administrada. Alcancei o cimo após penosa subida e, sentindo-me revigorado e descansado, sentei-me, mergulhado em profunda contemplação do encanto da perspectiva distante. Estava tão perdido em meus pensamentos que a princípio não os relacionei comigo quando as palavras alcançaram meus ouvidos: "O senhor é médico?" Mas a pergunta fora endereçada a mim, e pela moça de expressão um pouco amuada, de talvez dezoito anos de idade, que me servira a refeição e à qual a senhoria se dirigira por "Katharina". A julgar pêlos seus trajes e porte, ela não podia ser uma empregada, mas sem dúvida filha ou parenta dá hospedeira. <

Voltando a mim respondi: "Sim, sou médico: mas como você soube disso?" "O senhor escreveu seu nome no livro de visitantes, senhor. E pensei que se tivesse alguns momentos a perder ... A verdade é, senhor, que meus nervos estão ruins. Fui ver um médico em L\_\_\_\_\_ por causa deles e ele me receitou alguma coisa, mas ainda não estou boa."

Uma das mais altas cordilheiras dos Alpes Orientais.

Assim lá estava eu novamente às voltas com as neuroses—pois nada mais poderia haver de anormal com aquela moça de constituição forte e sólida e de aparência infeliz. Fiquei interessado em constatar que as neuroses podiam florescer a uma altura superior a 2.000 metros; portanto, fiz-lhe outras perguntas. Relato a conversa que se seguiu entre nós da mesma maneira que se acha em minha memória e não alterei o dialeto da paciente.<sup>2</sup>

"Então, de que você sofre?"

"Tenho falta de ar. Nem sempre. Mas às vezes me apanha de tal forma que penso que vou ficar sufocada."

Isso não pareceu, à primeira vista, um sintoma nervoso. Mas logo me ocorreu que provavelmente era apenas uma descrição que representava um acesso de ansiedade: ela estava escolhendo a falta de ar de dentro do complexo das sensações que decorrem da ansiedade e atribuindo importância indevida àquele único fator.

"Sente-se aqui. Como é quando você 'fica sem ar'?"

"Chega de repente. Primeiro que tudo, parece que alguma coisa me aperta os olhos. A cabeça fica pesada, há um zumbido medonho e fico tão tonta que quase chego a cair. Então alguma coisa me esmaga o peito que quase não posso respirar."

"E não nota nada na garganta?"

"Minha garganta fica apertada como se eu fosse sufocar."

"Acontece mais alguma coisa na cabeça?"

"Sim, há um martelar, o suficiente para quebrá-la."

"E não se sente de modo algum assustada quando isso acontece?"

"Sempre penso que vou morrer. Em geral sou corajosa e ando por toda a parte sozinha—desde o porão até a montanha inteira. Mas no dia em que isso acontece não ousa ir a parte alguma; fico sempre pensando que alguém se acha por trás de mim e que vai me agarrar de repente."

Era assim de fato um acesso de ansiedade, e introduzido pêlos sinais de uma "aura"<sup>3</sup> histórica—ou, mais corretamente, era um acesso histérico cujo conteúdo era a ansiedade. Será que provavelmente também não haveria outro conteúdo?

"Quando você tem um acesso pensa em alguma coisa? E sempre a mesma coisa? Ou vê alguma coisa diante de você?"

"Sim. Sempre vejo um rosto medonho que me olha de uma maneira terrível, de modo que fico assustada."

Talvez isso pudesse oferecer um meio rápido de chegar ao cerne da questão.

"Você reconhece o rosto? Quero dizer, é um rosto que realmente já viu alguma vez?"

"Não."

"Sabe de onde vêm os seus acessos?"

"Não."

"Quando os teve pela primeira vez?"

"Há dois anos, quando ainda vivia na outra montanha com minha tia. (Ela dirigia uma cabana de refúgio ali, e nos mudamos para aqui faz dezoito meses.) Mas continuam a acontecer."

Deveria fazer uma tentativa de análise? Não podia aventurar-me a utilizar a hipnose nessas altitudes, mas talvez tivesse sucesso com uma simples conversa. Eu teria que fazer uma boa conjectura. Muitas vezes tinha verificado que, em moças, a ansiedade era consequência do horror pelo qual uma mente virginal é dominada quando se defronta pela primeira vez com o mundo da sexualidade.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Nenhuma tentativa foi feita na tradução inglesa para imitar esse dialeto.

<sup>3</sup> As sensações premonitórias que precedem um ataque epilético ou histérico.

<sup>4</sup> Citarei aqui o caso em que pela primeira vez reconheci essa ligação causal. Estava tratando de uma mulher jovem, casada, que sofria de complicada neurose e, mais uma vez (cf. p. 160n), não estava disposta a admitir que sua doença provinha de sua vida de casada. Objetou que enquanto ainda era moça tinha tido acessos de ansiedade, que terminavam em ataques de desmaio. Permaneci firme. Quando chegamos a nos conhecer melhor subitamente me disse um dia: "Contarei agora ao senhor como vim a ter acessos

Então eu disse: "Se você não sabe, lhe direi como *eu* penso que você teve seus ataques. Naquela época, há dois anos, você deve ter visto ou ouvido algo que muito a constrangeu e que você teria preferido não ter visto".

"Céus, sim!" respondeu, "isso foi quando surpreendi meu tio com a moça, com Franziska, minha prima".

"Que história é essa sobre uma moça? Não vai me contar?"

"Suponho que se pode contar *tudo* a um médico. Bem, naquela época, o senhor sabe, meu tio-o marido de minha tia que o senhor viu aqui—tinha a estalagem na—Kogel.<sup>5</sup> Agora estão divorciados, e a culpa é minha, porque foi através de mim que se veio a saber que ele andava com Franziska."

"E como você descobriu isso?"

"Foi assim. Um dia, há dois anos, alguns cavalheiros tinham subido a montanha e pediram alguma coisa para comer. Minha tia não estava em casa, e Franziska que era quem sempre cozinhava, não foi encontrada em parte alguma. Procuramos por toda parte, e finalmente Alois, o menino, que era meu primo, disse: 'Ora, Franziska deve estar no quarto de papai!' E ambos rimos, mas não estávamos pensando em nada de mau. Fomos então ao quarto do meu tio, mas o encontramos trancado. Isso me pareceu estranho. Então Alois disse: 'Há uma janela no corredor de onde se pode olhar para dentro do quarto'. Dirigimo-nos para o corredor, mas Alois não queria ir até a janela e disse que tinha medo. Então eu falei: 'Menino tolo! Então eu vou. Não tenho o menor medo'. E não tinha nada de mau na mente. Olhei para dentro. O quarto estava um pouco escuro, mas vi meu tio e Franziska; ele estava por cima dela."

"Então?"

"Afastei-me da janela imediatamente, apoiei-me na parede e fiquei sem ar—justamente o que me acontece desde então. Tudo se tornou sem expressão, minhas pálpebras se fecharam à força e houve um martelar e um zumbido na minha cabeça."

"Você contou isso à sua tia no mesmo dia?"

"De modo algum, não disse nada."

"Então por que ficou tão assustada quando os viu juntos? Você compreendeu? Você sabia o que estava se passando?"

"De forma alguma. Não compreendi nada naquela ocasião. Tinha somente de-zesseis anos. Não sei por que me assustei."

"Fraulein Katharina, se pudesse lembrar-se agora do que lhe estava acontecendo naquela época, quando teve o seu primeiro ataque, o que você pensou sobre o fato ... lhe ajudaria."

"Sim, se pudesse. Mas fiquei tão assustada que me esqueci de tudo."

[Traduzido na terminologia de nossa *Preliminary Communication* ("Comunicação Preliminar"), p. 53, isto significa: "O próprio afeto criou um estado hipnóide, cujos produtos foram isolados da ligação associativa com a consciência do ego".]

"Diga-me, Fraulein. Será que a cabeça que você sempre vê quando fica sem ar é a de Franziska, conforme então a viu?"

"Não, não, a aparência dela não era tão horrível. Além disso, era a cabeça de um homem."

"Ou talvez a do seu tio?"

"Não vi seu rosto assim tão claramente. Estava muito escuro no quarto. E por que iria ele fazer exatamente então uma cara tão medonha?"

"Você tem toda a razão."

de ansiedade quando era moça. Naquela época dormia num quarto contíguo ao dos meus pais; a porta ficava aberta e costumava haver uma luz acesa na mesa. Assim mais de uma vez vi meu pai ir para a cama com minha mãe e ouvia sons que me excitavam muito. Foi então que meus acessos sobrevieram."-[Dois casos dessa espécie são mencionados por Freud numa carta a Fliess, de 30 de maio de 1893 (Freud, 1950a, Carta 12). Cf. também Seção II do primeiro artigo sobre neurose de angústia (18956).]

<sup>5</sup> O nome da "outra" montanha.

(O caminho de repente pareceu bloqueado. Talvez algo pudesse surgir no restante da história.)

"E o que aconteceu então?"

"Bem, aqueles dois devem ter ouvido algum ruído, porque saíram logo depois. Senti-me muito mal o tempo todo. Fiquei sempre pensando naquilo. Então dois dias depois era domingo e havia muito o que fazer e eu trabalhei o dia inteiro. E na manhã da segunda-feira me senti tonta novamente e caí doente e fiquei acamada durante três dias ininterruptos."

Nós (Breuer e eu) muitas vezes havíamos comparado a sintomatologia da histeria com uma escrita pictográfica que se tornava inteligível após a descoberta de algumas inscrições bilíngues. Nesse alfabeto estar doente significa repulsa. Assim eu disse: "Se você ficou doente três dias depois, creio que isso significa que quando olhou para dentro do quarto sentiu repulsa".

"Sim, tenho certeza de que senti repulsa", disse ela pensativamente, "mas repulsa de que?"

"Talvez você tenha visto alguém nu? Como eles estavam?"

"Estava muito escuro para ver qualquer coisa; além disso, ambos estavam vestidos. Oh, se pelo menos soubesse de que tive repulsa!"

*Eu* também não tinha nenhuma ideia. Mas disse-lhe que continuasse e que me contasse qualquer coisa que lhe ocorresse, na confiante expectativa de que ela viesse a pensar exatamente no que eu precisava para explicar o caso.

Bem, ela passou a descrever como afinal contou sua descoberta à tia, que achou que ela estava mudada e suspeitou que escondia algum segredo. Seguiram-se algumas cenas muito desagradáveis entre o tio e a tia, no curso das quais as crianças vieram a ouvir muitas coisas que lhes abriram os olhos de várias maneiras e que teria sido melhor que não tivessem ouvido. Finalmente, sua tia resolveu mudar-se com as crianças e a sobrinha e ficar com a presente estalagem, deixando o tio sozinho com Franziska, que entretanto ficara grávida. Depois disso, contudo, para minha surpresa, ela abandonou esses encadeamentos e começou a narrar-me dois grupos de histórias mais antigas, que retrocediam a dois ou três anos antes do momento traumático. O primeiro grupo relacionava-se com ocasiões nas quais o mesmo tio fizera investidas sexuais contra ela própria, quando ela tinha apenas qua-torze anos. Descreveu como certa feita fora com ele numa viagem até o vale, no inverno, e passara ali a noite na estalagem. Ele ficou no bar bebendo e jogando cartas, mas ela sentiu sono e foi cedo para a cama no quarto que iam partilhar no andar de cima. Ela não estava ainda inteiramente adormecida quando ele subiu; então ela adormeceu novamente e despertou de súbito, "sentindo o corpo dele" na cama. Ela deu um salto e admoestou-o: "O que é que o senhor está fazendo, tio? Por que não fica na sua própria cama?" Ele tentou acalmá-la: "Ora, sua tola, fique quieta. Você não sabe como é bom." "Não gosto de suas coisas 'boas'; o senhor nem sequer deixa alguém dormir em paz." Ela ficou de pé na porta, pronta a refugiar-se no corredor, até que finalmente ele desistiu e foi dormir. Então ela voltou para a sua própria cama e dormiu até de manhã. Da forma pela qual relatou ter-se defendido, parece que não reconheceu nitidamente a investida como de ordem sexual. Quando lhe perguntei se ela sabia o que ele estava tentando fazer com ela, respondeu: "Não naquela ocasião". Disse então que isso tinha ficado claro para ela muito depois: resistira porque era desagradável ser perturbada no sono e "porque não era correio".

Fui obrigado a relatar isso minuciosamente, por causa de sua grande importância para a compreensão de tudo o que se seguiu. Ela passou a relatar-me ainda outras experiências um pouco posteriores: como mais uma vez teve de defender-se dele numa estalagem quando estava inteiramente bêbado, e histórias semelhantes. Em resposta a uma pergunta quanto a se nessas ocasiões ela sentira algo semelhante à sua posterior falta de ar, respondeu incisivamente que sentira todas as vezes a pressão sobre os olhos e o peito, mas nada semelhante à força que havia caracterizado a cena da descoberta.

Logo após ter terminado esse grupo de lembranças, começou a contar-me um segundo, que se relacionava com ocasiões nas quais notara algo entre o tio e

Franziska. Uma vez toda a família passara a noite, sem tirar a roupa, num palheiro, e ela foi despertada subitamente por um ruído; pensou haver notado que o tio, que tinha ficado deitado entre ela e Franziska, se afastava, e que Franziska estava acabando de deitar-se. De outra feita passavam a noite numa estalagem na aldeia de N\_\_\_; ela e o tio estavam num quarto e Franziska num outro contíguo. Despertou de súbito durante a noite e viu uma figura alta de branco na porta, prestes a girar a maçaneta: "Deus dos céus, é o senhor, tio? O que está fazendo na porta?"—"Fique quieta. Estava somente procurando alguma coisa."—"Mas a saída é pela *outra* porta."—"Foi um engano meu" ... e assim por diante.

Perguntei-lhe se ela tinha ficado desconfiada naquela ocasião. "Não, não pensei nada sobre aquilo; apenas notei e não pensei mais no assunto." Quando lhe perguntei se ela tinha ficado assustada nessas ocasiões, respondeu que pensava que sim, mas não estava certa disso.

Ao fim desses dois grupos de lembranças ela parou. Era como alguém que tivesse passado por uma transformação. O rosto amuado e infeliz ficara animado, os olhos brilhavam, sentia-se leve e exultante. Entrementes, a compreensão do seu caso tornara-se clara para mim. A última parte do que me contara, numa forma aparentemente sem sentido, proporcionou uma admirável explicação do seu comportamento na cena da descoberta. Naquela ocasião guardara consigo dois grupos de experiências das quais se recordava mas não compreendia, e das quais não tirou quaisquer inferências. Quando vislumbrou o casal no ato sexual, de imediato estabeleceu uma ligação entre a nova impressão e esses dois grupos de lembranças e começou a compreendê-los e, ao mesmo tempo, rechaça-los. Seguiu-se então um curto período de elaboração, de "incubação", após o qual os sintomas de conversão se fixaram, os vômitos substituindo a repulsa moral e física. Isto solucionou o enigma. Ela não sentira repulsa pela visão das duas pessoas mas pela lembrança que aquela visão despertara nela. E, levando tudo em conta, isso só poderia ser a lembrança da investida contra ela na noite em que "sentira o corpo do tio".

Assim, quando ela terminara sua confissão eu lhe disse: "Sei agora o que foi que você pensou quando olhou para dentro do quarto: 'Agora ele está fazendo com ela o que desejava fazer comigo naquela noite e das outras vezes'. Foi disso que você teve repulsa, porque recordou a sensação de quando despertou durante a noite e sentiu o corpo dele".

"Pode muito bem ter sido", respondeu, "que isso é que me causou repulsa e que tenha sido isso o que pensei".

"Diga-me apenas mais uma coisa. Você agora é uma moça crescida e sabe todas as espécies de coisas. ..."

"Sim, agora eu sou."

"Diga-me apenas uma coisa. Qual a parte do corpo dele que você sentiu naquela noite?"

Mas ela não me deu mais nenhuma resposta definida. Sorriu de maneira constrangedora, como se a tivessem descoberto, como alguém que é obrigado a admitir que se atingiu uma posição fundamental onde não resta mais muita coisa a dizer. Pude imaginar qual foi a sensação tátil que ela depois aprendeu a interpretar. Sua expressão facial parecia dizer-me que eu tinha razão em minha conjectura. Mas não pude ir mais além, e, seja como for, sou-lhe grato por me haver tornado muito mais fácil conversar com ela do que com as senhoras pudicas da minha clínica na cidade, que consideram tudo o que é natural como vergonhoso.

Assim o caso ficou esclarecido.—Mas paremos um momento! Que dizer da alucinação periódica da cabeça que surgia durante seus acessos e lhe infundia terror? De onde provinha? Perguntei-lhe então por ela e, como se *seu* conhecimento também tivesse sido ampliado por nossa conversa, respondeu prontamente: "Sim, agora eu sei. A cabeça é do meu tio-agora a reconheço—mas *mo daquela* época. Posteriormente, quando todas as brigas tinham irrompido, meu tio deu vazão a uma cólera sem sentido contra mim. Sempre dizia que tudo tinha sido culpa minha: se eu não tivesse dado com a língua nos dentes, tudo aquilo não teria redundado em divórcio. Ameaçou-me e se me via à distância, seu rosto se transfigurava

de ódio e partia para mim com a mão levantada. Eu sempre fugia dele, e sempre ficava apavorada de que ele me apanhasse descuidada. O rosto que sempre vejo agora é o dele quando estava furioso".

Esses dados me fizeram recordar que seu primeiro sintoma histórico, os vômitos, tinham passado; o ataque de ansiedade permaneceu e adquiriu novo conteúdo. Em consequência, estávamos tratando de uma histeria que havia sido abrea-gida em grau considerável. E de fato ela havia informado a tia de sua descoberta pouco depois do acontecimento.

"Você contou à sua tia as outras histórias—sobre as investidas que ele fez contra você?"

"Contei. Não imediatamente, mas depois, quando já se falava em divórcio. Minha tia disse: 'Vamos conservar isso em reserva. Se ele provocar barulho no tribunal, também contaremos isso'."

Posso bem compreender que deve ter sido precisamente este último período— quando ocorreram cenas cada vez mais agitadas na casa, quando o próprio estado da paciente deixou de interessar à sua tia, que estava inteiramente absorvida pela pendência—que deve ter sido este período de acúmulo e retenção que lhe deixou o legado do símbolo mnêmico (do rosto alucinado).

Espero que essa moça, cuja sensibilidade sexual fora ferida numa idade tão precoce, tenha tirado algum benefício de nossa conversa. Desde então não a vi mais (1895, livro 5, Caso 4, pp. 123-131 na ed. bras.).\*

## EXERCÍCIOS

### Primeiras Recordações

Freud descobriu que as primeiras recordações eram frequentemente indicativas de atuais problemas pessoais. Esse exercício é, para você, uma forma de começar a avaliar essa ideia.

1. Dividam-se em duplas. Em cada dupla, decidam quem falará e quem registrará. Vocês trocarão os papéis, por isso não se preocupem com quem será o primeiro.

2. (Para o relator) Sente-se de forma a não olhar para o redator. Você terá cinco minutos para lembrar-se de sua mais remota recordação ou de qualquer recordação antiga. Conte-a à pessoa que está registrando. Quanto mais clara e vividamente puder recordá-la, mais você aproveitará o exercício. Se você tiver outras lembranças que se liguem àquela que está descrevendo, sinta--se livre para mencioná-las.

3. (Para o redator) Sua tarefa é tomar notas enquanto seu parceiro lhe fala sobre eventos passados. Anote referências a incidentes da vida posterior. Preste atenção especial à importância que seu parceiro dá a qualquer aspecto da recordação. Observe as diferenças nos sentimentos expressos pelo seu parceiro. Se você quiser, enquanto estiver anotando, use os termos freudianos descritos nesse capítulo. Esteja atento aos possíveis mecanismos de defesa que diluem ou disfarçam a lembrança.

\* (Nota de rodapé acrescentada em 1924:) uso, após tantos anos, levantar o véu da discrição e revelar que Khatarina não era a sobrinha, mas sim a filha da senhoria. A moça adoeceu, portanto, como resultado de investidas sexuais por parte do próprio pai. Distorções como a que introduzi no presente exemplo devem ser evitadas inteiramente ao relatar-se um caso. Do ponto de vista da compreensão do caso, uma distorção dessa natureza não é, naturalmente, assunto tão indiferente quanto seria deslocar a cena de uma montanha para outra.

4. Após cinco minutos, parem e, sem discutir o exercício, troquem de papéis. Novamente, a pessoa que é relator narra recordações, enquanto que o parceiro as escreve.

5. Ao final de cinco minutos parem e pensem a respeito do que vocês disseram e ouviram.

6. Discutam suas anotações um com o outro. Apontem as implicações e as conexões, se vocês acharem que pode ser proveitoso. Tentem relacionar aspectos das recordações com o seu modo de vida atual, ou com a forma como você reage hoje a situações que se assemelham àquelas que você recordou.

Observação: Se qualquer um de vocês sentir-se constrangido ou perturbado durante a fase de discussão, simplesmente peça as anotações feitas a respeito de suas recordações, agradeça seu parceiro e trabalhe sozinho.

### Há Modelos em Sua Vida?

Freud sugere que nossos relacionamentos atuais se ligam aos relacionamentos com nossos pais. Eis uma forma de investigar esta possibilidade:

1. Faça uma lista de algumas das pessoas das quais você mais gostou ou amou em sua vida—excluindo seus pais. Faça uma lista separada para homens e mulheres.
2. Faça uma lista dos aspectos agradáveis e desagradáveis de suas personalidades.
3. Observe, refuta sobre, ou escreva as semelhanças e diferenças em sua lista. Muitos homens partilham de certos traços enquanto as mulheres têm outros em comum? Há um tipo particular de pessoa que você tenha apreciado?

### II

1. Faça uma lista das características agradáveis ou desagradáveis de seus pais, como eles são atualmente.

2. Faça uma lista das características agradáveis e desagradáveis de seus pais, da forma como você os via enquanto crescia.

### III

1. Compare e confronte a lista de atributos de seus pais com aquelas de seus amigos.
2. Considere, discuta ou escreva se você percebe em sua própria vida qualquer relação entre as qualidades de seus pais e as de seus amigos.

### Diário de Sonhos

1. Guarde um bloco de notas junto à sua cama. De manhã *antes* de fazer qualquer coisa, faça algumas anotações sobre seus sonhos. (Mesmo que você nunca tenha se lembrado de sonhos antes, esse procedimento provavelmente lhe ajudará a recordar-se deles. Os grupos de estudantes, a quem isto foi dado como uma tarefa forçada, começaram a se lembrar com regularidade de seus sonhos em poucos dias.)

2. Mais tarde, durante o dia, escreva de forma completa seu sonho.

3. Tente compreender o que pode significar os vários aspectos de seus sonhos. Preste atenção àqueles fragmentos que parecem ser parte de seu "resíduo diurno". Há qualquer parte do sonho que reflita seus próprios desejos ou atitudes para com outros? Seus sonhos parecem ter algum significado para você?

Quais são suas associações com aspectos particulares dos sonhos? Verifique se estas associações apontam seus possíveis significados. Como poderiam os sonhos constituir tentativas de "realização de desejos"?

4. Mantenha este diário durante várias semanas. Enquanto você for lendo outras partes deste texto, aprenderá novas formas de encarar os sonhos. De vez em quando, examine detalhadamente seu livro de sonhos e veja se pode fazer novas interpretações. Você pode observar qualquer tema repetido ou padrão em seus sonhos?

### Mecanismos de Defesa

1. Lembre-se de uma época ou de um acontecimento que foi psicologicamente doloroso; talvez a morte de um amigo íntimo ou conhecido, ou uma época em que você foi humilhado de forma profunda, surrado ou surpreendido numa transgressão.

2. Observe, em primeiro lugar, seu desinteresse em lembrar-se claramente dos fatos, sua resistência em até mesmo pensar sobre eles. "Eu não quero fazer isto, posso pular este exercício, ele é fácil de entender. Por que eu deveria pensar nisto de novo?"

3. Se você puder, supere suas defesas iniciais com um esforço de vontade e lembre-se do fato. Você pode conscientizar-se de sentimentos fortes novamente.

4. Se for difícil concentrar-se na recordação, observe, ao invés disso, os modos pelos quais sua mente continua dirigindo sua atenção para digressões paralelas. Você pode começar a perceber a maneira como você evita a tensão psíquica?

### Fases Psicosssexuais

Os exercícios seguintes são modos de centrar sua atenção nas ideias, atitudes, crenças e sentimentos das fases de desenvolvimento.

Eles são mais uma forma de chegar aos tipos de experiências que levaram ao desenvolvimento da teoria do que uma forma de chegar a ela própria.

**Oral.** Vá à farmácia e compre uma mamadeira. Encha-a com leite, água ou suco de frutas.

Quer sozinho ou com outros membros desta classe, beba da mamadeira. Esteja atento a suas reações. O ato ou mesmo o pensamento de beber de uma mamadeira lhe traz qualquer recordação ou sentimento? Se você continuar a fazê-lo, quais são as posturas nas quais você se sente mais confortável? Permita-se vivenciar suas reações não-controladas a este experimento.

Compare suas reações com as dos outros. Essas experiências são comuns aos homens? E às mulheres?

**Anal.** Tente conscientizar-se mais da forma como a privacidade é garantida pela arquitetura dos banheiros, por lavatórios públicos, pelo banheiro de sua casa. Observe seu próprio comportamento num banheiro da escola para homens ou mulheres. Você se esforça por permanecer isolado, não encontrando os olhos de ninguém ou até mesmo sem olhar para ninguém?

Você pode imaginar-se urinando em público? Num parque? Ao lado de uma rodovia? Numa floresta?

Muitas pessoas têm comportamentos de toailete fortemente condi-

cionados. Algumas pessoas precisam ler enquanto estão sentadas no banheiro. Qual poderia ser o propósito deste comportamento?

Partilhe algumas de suas observações com outros. Tome-se ciente de sua resistência em falar de aspectos deste exercício.

**Fálica.** Você pode lembrar-se de suas recordações iniciais a respeito de seus órgãos sexuais? Você pode lembrar-se do que seus pais diziam a respeito deles? (Mulheres) Você pode recordar-se de pensamentos ou ideias que você tinha a respeito de meninos e seus pênis? (Homens) Você pode lembrar-se do medo de poder vir a perder seu pênis? Se você não tem nenhuma lembrança deste tipo de sentimentos, isto é razão suficiente para pressupor que não havia nenhum sentimento desta natureza nessa época.

**Genital, I.** Escreva as informações incorretas que você teve a respeito de questões sexuais que foram subsequentemente corrigidas (Exemplos: você foi trazido pela cegonha ou achado num supermercado. Toda vez que você tem relações sexuais, esta leva à gravidez.) 2. Suas primeiras experiências sexuais mudaram suas atitudes ou crenças a respeito de sua própria sexualidade? Elas reforçaram crenças previamente sustentadas? Como você se sentiu com relação às suas primeiras experiências sexuais? Você se sente de outro modo agora? Você pode relacionar suas atitudes atuais sobre questões sexuais com atitudes ou crenças antigas.

#### BIBLIOGRAFIA COMENTADA Livros de Freud

- Freud, Sigmund, 1916-1917. *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Edição STANDARD Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, com os comentários e notas de James Strachey, sob a direção de Jayme Salomão, vols. I-XXIV. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972-1977. Duas séries de conferências dadas na Universidade de Viena. A primeira parte do livro não pressupõe conhecimento do assunto; a segunda parte pressupõe a familiarização com a primeira. Conferências destinadas a estudantes.
- , 1900. *A Interpretação de Sonhos*. Edição STANDARD, vols. IV, V. Freud comentou a respeito (do livro) em 1931: "Mesmo segundo meu julgamento atual, contém a mais valiosa de todas as descobertas que eu tive a sorte de fazer". Nós concordamos. O melhor livro de Freud; leia-o, pai apreciar seu gênio intuitivo e estilo literário.
- , 1963. *Three Case Histories*. New York: Collier Books. Três casos analisados por Freud. Ele apresenta o material dos casos, combinando-os com sua teoria em desenvolvimento. Tão próximo quanto é possível ver Freud em ação a partir de seus escritos.
- , 1957. *A General Selection from the Works of Sigmund Freud*. Editado por John Rickman. New York: Doubleday. Um bom grupo de leituras tiradas de diferentes partes do trabalho de Freud. Há outras coleções que podem ser tão boas como essa. Nós gostamos desta.

#### Livros sobre Freud

- Brenner, Charles, 1974. *Noções Básicas de Psicanálise - Introdução à Psicologia Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Imago Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975. Fornece uma exposição clara e completa dos pressupostos fundamentais e de sua expressão clínica. Indicado para terapeutas.

- Hall, Calvin S., 1954. *A Primer of Freudian Psychology*. New York: Mentor, New American Library. Uma exposição curta, lúcida e de agradável leitura das características principais das teorias de Freud. É um livro conciso e exato. A melhor introdução simples disponível.
- Hall, Calvin S. e Lindzey, Gardner, 1968. *The Relevance of Freudian Psychology and Related Viewpoints for the Social Sciences*. In *The Handbook of Social Psychology*, 2ª ed., org. por G. Lindzey e E. Aronson. Menlo Park, Calif.: Addison-Wesley. Um resumo de nível intermediário do pensamento psicanalítico, com ênfase em sua relevância para a psicologia social. Um enfoque teórico mais do que clínico.
- Jones, Ernest, 1963. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975. Uma versão curta da biografia de Freud, em um volume. Fascinante e de leitura agradável.
- Rapaport, David, 1959. *The Structure of Psychoanalytic Theory*. In *Formulations of the Person and the Social Context*, vol. 3. *Psychology: The Study of a Science*, org. por S. Koch. New York: McGraw-Hill. Esta -entre as exposições teóricas mais sofisticadas e completas do pensamento psicanalítico. O livro é contra-indicado para os covardes.

#### REFERÊNCIAS

- Auden, W. H., 1945. *The Collected Poems of W. H. Auden*. New York, Random House. Brenner, Charles, (1974). *Noções Básicas de Psicanálise - Introdução à Psicologia Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Imago Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- Colby, Kenneth Mark, 1951. *A Primer for Psychotherapists*. New York: Ronald Press. Farber, Leslie H., 1966. *The Ways of the Will: Essays toward a Psychology and Psychopathology of Will*. New York: Harper and Row. Fenichel, Otto, 1945. *The Psychoanalytic Theory of Neurosis*. New York: Norton. Fodor, Nandor, e Gaynor, Frank, 1958. *Freud: Dictionary of Psychoanalysis*. New York: Fawcett Books. Freud, Anna, 1936. *O Ego e Seus Mecanismos de Defesa*. Rio de Janeiro, Ed. Biblioteca Univ. Popular, 1968. Freud, Sigmund, 1894. *As Psiconeuroses de Defesa*. Edição STANDARD Brasileira, vol. II, ou livro 32 da *Pequena Coleção das Obras de Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora.\*
- , 1900. *A Interpretação de Sonhos*. Edição STANDARD, vols. VI e V.
- , 1901. *Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Edição STANDARD, vol. VI.
- , 1905a. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição STANDARD, vol. VII, ou livro 2 da *Pequena Coleção*.
- , 1905b. *Fragmentos de Uma Análise de Um Caso de Histeria*. Edição STANDARD, vol. VII.
- , 1906. *A Psicanálise e a Determinação dos Fatos nos Processos Jurídicos*. Edição STANDARD, vol. IX, ou livro 31 da *Pequena Coleção*.
- , 1907. *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*. Ed. STANDARD, vol. IX, ou livro 31 da *Pequena Coleção*.
- , 1908. *Moral Sexual "Civilizada" e Doença Nervosa Moderna*. Edição STANDARD, vol. IX, ou livro 31 da *Pequena Coleção*.
- , 1909. *Notas Sobre um Caso de Neurose Obsessiva*. Ed. STANDARD, vol. X.
- , 1910. *Cinco Lições de Psicanálise*. Edição STANDARD, vol. XI, ou livro 1 da *Pequena Coleção*.

\* N.T.: A data entre parênteses depois de cada referência de Freud corresponde à data original da publicação em alemão. Quando foi possível, as referências foram alistadas tais quais aparecem na Edição STANDARD Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vols. I-XXIV, editados (com comentários e notas de James Strachey) pela Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro. Outras edições foram mencionadas? somente quando usadas para citações no texto.